



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

O futebol como agente principal na agregação e desagregação de uma sociedade e como elemento nas relações internacionais

Miguel Marcos Breia Dias

Mestrado em Estudos Internacionais

Orientador:  
Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2020



SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

O futebol como agente principal na agregação e desagregação de uma sociedade e como elemento nas relações internacionais

Miguel Marcos Breia Dias

Mestrado em Estudos Internacionais

Orientador:

Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2020

## **Agradecimentos**

Não podia deixar de começar por agradecer aos meus pais, Teresa e João, uma vez que sem eles e sem o apoio e a estabilidade que me proporcionaram não só agora, como ao longo da minha vida, esta ou qualquer outra dissertação realizada por mim dificilmente veria a luz do dia. É tão vosso como meu, este trabalho.

De seguida, queria agradecer à professora Maria João Vaz, não só por me ter orientado durante este processo e por ter manifestado sempre uma avassaladora criatividade, clarividência e astúcia quando eu nem sempre as tive presentes, mas também por ter sido uma referência bastante positiva para mim ao longo destes cinco anos de universidade.

Gostaria também de para agradecer à Joana. Por tudo o que me ensina e por tudo aquilo que é, mas principalmente pelo amor.

Seguidamente, aos meus amigos que me acompanharam neste processo, não só por termos todos lutado pelo mesmo objetivo ao mesmo tempo e por nos termos entreadjudado constantemente, mas pela amizade, camaradagem e sentimento de irmandade que fomos criando ao longo destes cinco anos e, em alguns casos, ao longo da vida. As vossas vitórias são as minhas vitórias.

Gostaria ainda de agradecer ao ISCTE. Por me ter permitido conhecer tantas pessoas boas e tantas realidades diferentes e por me ter dado os melhores cinco anos da minha vida até então.

Um agradecimento especial também aos funcionários da Biblioteca Nacional De Portugal pela constante disponibilidade e pelo tremendo profissionalismo e competência.



## **Resumo**

O presente trabalho tem como objeto de estudo o futebol colocando-o num plano multinacional e internacional, contemplando diversas vertentes, a social, a política e a histórica, percorrendo um período compreendido desde o início do século XX até à atualidade. Consideram-se aqui, entre outros, dois papéis antagónicos, mas também complementares, geralmente considerados como desempenhados pelo futebol que este trabalho tem o objetivo de percorrer: o de elemento fulcral na agregação ou desagregação da sociedade, e o de ator preponderante nas relações internacionais e diplomáticas de diversos países. Juntamente com este objetivo, este estudo procura também contribuir para o desenvolvimento de uma área de estudo, a do futebol, que tem visto o seu interesse aumentado nos últimos anos, e sobre uma temática específica, a sua caracterização como fenómeno social, que tem o particular interesse de estar em constante afirmação. Verificar-se-á que efetivamente o futebol pode assumir o papel de ator e fator preponderante nas relações internacionais, quer como catalisador de tensões já existentes, quer como elemento importante na política externa de um país. Será possível concluir também que é provável o futebol agir como elemento agregador de uma sociedade, seja por se manifestar por intermédio de mecanismos de empatia, ou por admiração de uma figura, ou como elemento desagregador, devido à capacidade mediática e à dimensão social que a modalidade adquiriu.

**Palavras-chave: Futebol, Conflitos, Diplomacia, Relações Internacionais**

## **Abstract**

The present work has the football as an object of study, placing it on a multinational and international level, covering several aspects, social, political and historical, in a period covered from the beginning of the 20th century to the present. This study will contemplate, among others, two antagonistic but complementary roles, generally considered to be played by football: the key element of the sport in the aggregation or disaggregation of society, and the sport as a preponderant actor in the international and diplomatic relations of several countries. Along with this intention, this study also seeks to contribute to the development of the area of study that has seen its interest increased in the past few years, and to the thematic of football's characterization as a social phenomenon, which has the particular interest to be in constant affirmation. It will be established that football can be a determinant agent and factor in international relations, both as a catalyst for already existent tensions and as an important element in a country's foreign policy. It will also be plausible to conclude that football is likely to act as an aggregating element of a society, either because it manifests itself through mechanisms of empathy, or through admiration of a figure; or as a disaggregating element, due to the mediatic capacity and the social dimension that the modality acquired.

**Keywords: Football, Conflicts, Diplomacy, International Relations**

## Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 - O futebol e política interna.....	9
1.1 Desporto- Contexto histórico e conceptualização .....	9
1.2 Futebol: Origem e impactos na sociedade.....	13
1.3 O futebol na integração e disrupção da Jugoslávia.....	20
1.4 Didier Drogba e a trégua temporária na Guerra Civil da Costa do Marfim .....	31
Capítulo 2 - O futebol e a política externa .....	41
2.1 Impactos do desporto e do futebol na política externa.....	41
2.2 O desporto e o futebol no Estado Novo – O caso do S. L. Benfica e do Spartak de Moscovo ...	43
2.3 O futebol como catalisador no conflito armado entre dois estados: o caso de El Salvador e das Honduras .....	55
Conclusão.....	63
Fontes e bibliografia.....	67





## Índice de Imagens

Figura 1- Anúncio da partida internacional entre Inglaterra e Escócia. ....	14
Figura 2- Luís Loureiro e Néilson Semedo à porta do SU Sintrense .....	16
Figura 3- “Sportski Magazin” de 1955, uma história sobre o papel do Partizan do futebol jugoslavo. ....	25
Figura 4- Jogadores do Estrela Vermelha e do Hajduk Split a chorar durante o anúncio da morte de "Tito" .....	26
Figura 5- Manchete do jornal croata, Sportske Novosti, onde se pode ler "Os adeptos do Estrela Vermelha provocaram conscientemente o maior incidente" .....	29
Figura 6- Didier Drogba após a partida em Bouaké com as tropas rebeldes a protegê-lo da invasão de campo dos adeptos radiantes pela vitória. ....	37
Figura 7- Manchete de um jornal desportivo da Costa do Marfim "A Reconciliação através do futebol: 5 golos para apagar 5 anos de guerra" .....	38
Figura 8- Capa de um jornal brasileiro no dia após o terceiro jogo entre El Salvador e as Honduras ..	58



## **Introdução**

O futebol como objeto de estudo e como um fenómeno social e cultural tem sido estudado pelas mais diversas ciências sociais, com o intuito de perceber a dimensão dos seus impactos na sociedade. É possível verificar que nos últimos anos, áreas como a historiografia, a sociologia, a antropologia e até a ciência política, vão ultrapassando paulatinamente a ideia de que o futebol configura apenas uma modalidade desportiva que se fecha sobre si mesma quando as suas partidas acabam. O significado do futebol é bem mais complexo do que isso.

Manifestando-se como um fenómeno agregador de massas como haverá poucos, o futebol é nos nossos dias, provavelmente, o desporto mais popular do mundo. Em 2007, 270 milhões de pessoas, incluindo apenas árbitros e jogadores, estavam diretamente ligados ao futebol perfazendo assim um total de 4% da população mundial na altura<sup>1</sup>. Ao que tudo indica, em função daquilo que tem sido o crescimento exponencial da modalidade nos últimos anos, tanto do ponto de vista de capacidade financeira, como do ponto de vista de mediatismo, estes números terão aumentado.

Em função de tudo isto, considerámos pertinente acrescentar mais um estudo que cobre todas as áreas referidas, mas que também procura explorar uma área que, embora não seja pioneira na sua relação com o futebol, consideramos que tem sido descurada em comparação a todas as outras, sendo essa a das Relações Internacionais.

## **Objetivos, Fontes e Metodologia do Estudo**

Recai sobre essa medida a nossa decisão em desenvolver um estudo em que o futebol se manifesta como elemento principal, quer do ponto de vista social, quer na perspectiva política interna e externa. Deste modo, o nosso objetivo passará por percorrer numa primeira e muito breve fase, aquilo que é o desporto. Procuraremos fazer uma conceptualização teórica do desporto, explorando e definindo aquilo que o caracteriza como tal e tentando perceber que aspetos positivos e menos positivos geralmente lhe são atribuídos. Após a apresentação da noção de desporto, o nosso objetivo passará por uma sucinta investigação às origens modernas do futebol, tentando perceber qual é a génese da modalidade a nível temporal, espacial e social.

---

<sup>1</sup> Informação disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/big-count-stats-package-520046.pdf?cloudid=mzid0qmguixkcmruvema>

Considerámos pertinente, após isto, estudar os seus impactos na sociedade. Não nos seria possível provar que o futebol pode constituir um elemento central na agregação e desintegração de uma sociedade sem entender primeiro os impactos e as dinâmicas sociais que a modalidade tem na mesma. É importante perceber o que é o futebol, de que contexto é que ele é um produto, onde é que o mesmo se manifesta a nível social e se a sociedade o configura apenas como um desporto. Para cobrir todos estes pontos, recorreremos a métodos qualitativos na forma de exploração da bibliografia sobre o contexto histórico e social da modalidade de forma a obter as respostas que nos permitam fazer uma transição para o próximo ponto.

No ponto seguinte, o objetivo passará por responder à questão: “De que modo é que o futebol se pode manifestar na agregação e/ou desagregação de uma sociedade?” Para o fazer, recorreremos a uma estratégia que se baseou na análise de dois estudos de caso, recorrendo aqui também à exploração e interpretação da bibliografia disponível e em fontes diversas. Será fulcral perceber que os dois casos estudados não são homogéneos, na medida em que o futebol não se manifesta só como fator agregador, ou como fator disruptivo. A pluralidade das consequências e dos próprios casos será uma vantagem, uma vez que o objetivo é provar de que modo é que o poder e a capacidade do futebol se pode manifestar, o que servirá tanto para demonstrar o futebol como fator agregador, ou como fator desagregador, não sendo nunca o objetivo estar fechado apenas numa destas duas características. Os casos de estudo selecionados são dois casos em diferentes zonas geográficas, o que nos permitirá mostrar que não se trata de um fenómeno fortuito ou que ocorre apenas em contextos muito específicos, tornando-se então possível definir um padrão que sustente ainda mais a hipótese deste estudo.

Um dos casos que sustenta esta estratégia de investigação é o caso, primeiro, da integração da Jugoslávia e, posteriormente, o da dissolução deste mesmo território. Ser-nos-á possível, através de uma contextualização histórica e uma análise política e social da Jugoslávia durante o período de Josip Broz Tito no poder, compreendido entre 1953 e 1980, perceber que o desporto, mas especificamente o futebol, se manifestou como um poderoso mecanismo na integração do país balcânico e na criação de uma identidade nacional que a suportasse. Contudo, verificou-se também o oposto. Após a morte de Tito, em 1980, a Jugoslávia deixou de conseguir manter sob controlo as tensões nacionalistas presentes em toda a República. Os protagonistas dessas mesmas tensões encontraram no futebol um foco de destabilização e de propaganda ideológica ideal para os seus desígnios, tendo a modalidade acabado por ser um fator importantíssimo naquilo que foi a desagregação do país balcânico.

O outro caso estudado reside na trégua temporária conseguida na Guerra Civil da Costa do Marfim, em 2005, devido ao pedido da Seleção Nacional dos “Elefantes”<sup>2</sup>, após uma qualificação histórica para o Campeonato do Mundo de Futebol em 2006, protagonizada pelo jogador Didier Drogba, com o objetivo do povo se unir e terminar a guerra civil e racial que estava a travar. Sustentaremos este estudo com as motivações por de trás da Guerra Civil Costa-Marfinense, tentando perceber como é que a mesma foi ultrapassada devido a um jogo e a um jogador de futebol. Uma análise histórica sobre este território africano e uma reflexão sobre o papel do jogador africano na comunidade e sobre a situação futebolística em África, permitir-nos-ão perceber que os impactos de Didier Drogba na Costa do Marfim e em todo o continente estendem-se muito para além do campo onde joga, tendo a sua ação, após o jogo histórico com o Sudão, constituído um ponto fulcral na reunião e agregação do povo costa-marfinense, pondo um fim temporário à guerra.

Após este capítulo, focar-nos-emos principalmente em episódios relativos a questões políticas a nível externo. Feita a assunção de que o futebol pode efetivamente agir como núcleo na agregação e desintegração de uma sociedade, consideramos pertinente levar este estudo ainda a outra dimensão. Aqui, o objetivo passará por responder à questão: “‘É possível o futebol assumir um papel preponderante nas relações entre vários países?’”. Começaremos este capítulo por explorar a temática do futebol como instrumento político, ainda que o façamos de maneira breve, uma vez que essa exploração terá como objetivo principal servir como transição para o estudo de caso. Essa análise provará que o futebol serviu, em diferentes casos e em diferentes regimes totalitários ao longo do século XX, como um forte instrumento político, tanto como forma de propaganda ideológica e como forma de exaltação patriótica. O que sugerimos a seguir, passa pela análise desta questão exclusivamente no regime salazarista. Esta consistirá numa muito breve reflexão sobre aquilo que significou o desporto e o futebol durante o período salazarista, cobrindo três aspetos que considerámos pertinentes destacar dos restantes, a inauguração do Estádio Nacional, a profissionalização tardia do futebol em Portugal e a política desportiva relativamente às colónias. O objetivo é que esta análise consiga provar que o futebol representou um marco importante na política salazarista a nível interno. O estudo de caso, por sua vez, terá como objetivo sugerir essa mesma importância, mas a nível externo, ou seja, no domínio diplomático. Por considerarmos incompreensível a escassez de estudos sobre esta temática em particular, considerámos interessante explorar um episódio em concreto, tirando e sugerindo conclusões que nos permitam compreender se o futebol se pode manifestar

---

<sup>2</sup> Termo pelo qual é conhecida a seleção da Costa do Marfim

efetivamente como um agente importante no relacionamento entre estados e se o fez na dimensão específica do regime salazarista.

Esse episódio em específico trata da proibição imposta por Salazar ao clube de futebol Sport Lisboa e Benfica em disputar dois jogos amigáveis com uma outra equipa de futebol da Europa Oriental, o Spartak de Moscovo. Considerámos interessante e reveladora esta proibição, na medida em que o Benfica já tinha defrontado adversários russos e nessa altura os jogos não configuraram qualquer problema para o regime. Para analisar este caso recorreremos principalmente a relatos da imprensa sobre o sucedido, uma vez que estudos académicos sobre esta situação específica são inexistentes. Tentaremos analisar e interpretar a forma como este caso foi retratado por alguns dos jornais da época. Assim, considerámos interessante fazer um levantamento de quatro dos principais jornais da época, verificando se nas suas manchetes ou nas suas secções desportivas se registava alguma menção ao sucedido, e se sim, de que forma eram feitas essas referências.

Como fecho do capítulo, focar-nos-emos ainda numa outra dimensão, no futebol de seleções e não apenas de clubes. O propósito será o mesmo do estudo de caso anterior, ainda que desta vez se manifeste de outra forma. Nesta medida, procuraremos provar a mesma hipótese, mas através do futebol como principal catalisador de tensões já existentes entre estados, originando uma guerra entre os mesmos. Para corroborar esta ideia, definimos como objeto de estudo o caso da guerra entre El Salvador e as Honduras, ficando marcada para a história como “Guerra do Futebol”. Traçaremos um breve contexto histórico de modo a explicitar porque é que as tensões existiam, uma vez que não foi o futebol em concreto que as criou, mas de seguida exploraremos o porquê de as ter potenciado. Recorreremos principalmente a notícias e a uma revista para suportar este estudo em concreto, e tentaremos perceber em que medida é que o futebol se manifestou como fator preponderante na definição do relacionamento entre estes dois países.

Assim, esta dissertação tem como objetivo concretizar um breve estudo sobre o futebol numa perspetiva não disciplinar, ou seja, contemplando reflexões produzidas no domínio de várias disciplinas e em diferentes contextos. Contudo, consideramos que um dos principais objetivos passará também por acrescentar novos elementos de reflexão e conhecimento, juntando-os a algumas áreas e temáticas que têm sido mais ativas no estudo do futebol enquanto fenómeno desportivo, social e cultural. Contudo, também temos como propósito para este

estudo, o facto de este poder surgir como algo que contempla uma dimensão do futebol que tem sido, assim o consideramos, negligenciada.

## **Estado da Arte**

O desporto e o futebol têm sido objeto de estudo das mais variadíssimas áreas disciplinares. São também vários os autores que têm privilegiado a modalidade futebolística como um objeto de estudo rico e multifacetado, que constitui um dos maiores fenómenos sociais e culturais do mundo era contemporâneo.

Tratando-se de uma modalidade desportiva, começaremos por destacar as obras que consideramos terem oferecido um contributo significativo para o estudo do futebol enquanto ciência desportiva, ainda que na dimensão específica desta dissertação, não tenham sido utilizadas. O professor Manuel Sérgio na sua obra *Alguns Olhares sobre o Corpo* exalta a relação entre a motricidade humana e o fundamento desportivo, sendo a motricidade humana uma área onde se destacou brilhantemente ao longo da sua vida. Um dos seus discípulos, Bruno Dias, segue o estudo da motricidade humana no domínio específico do futebol, sendo possível identificar na sua obra *Motricidade Humana Aplicada ao Futebol* uma aplicação dos conceitos teóricos da motricidade humana à vida prática e quotidiana do treinador de futebol.

No que diz respeito às ciências sociais temos, a nível sociológico, que destacar o estudo do desporto enquanto fenómeno social pela lente de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), na obra *A Busca da Excitação: Desporto e lazer no processo civilizacional*, onde os autores procuram fazer uma análise sociológica e histórica às características do processo de civilização com base no desporto, atendendo aos diferentes aspetos que são específicos de cada formação social. Salomé Marivoet também deu contributos notáveis a esta disciplina por intermédio das suas obras, no entanto, consideramos que *Aspetos Sociológicos do Desporto* (Marivoet, 2002), configura uma das obras mais importantes e uma base transversal para quem se debruce sobre o estudo do desporto. Por fim, consideramos importante para este domínio destacar também o artigo de António da Silva Costa (1992), “Desporto e Análise Social”, que se manifestou como um alicerce na realização desta dissertação. A noção do futebol como um produto de uma sociedade capitalista e todas as consequências que advêm dessa relação são brilhantemente identificadas e explicadas pelo autor.

A historiografia também tem contemplado nos seus estudos o futebol como algo maior do que um simples desporto, especialmente em Portugal, onde a modalidade desportiva impera vigorosamente em relação a todas as restantes, é possível destacar a obra *História do Futebol Português: Das origens ao 25 de Abril*, de Ricardo Serrado e Pedro Serra (Serrado e Serra, 2010), dividida em dois volumes, contemplando o primeiro a história da modalidade até ao 25 de Abril de 1974, e o segundo aquilo que é o futebol no pós-25 de Abril de 1974 até à atualidade. Salientamos também neste registo a obra *Futebol: Política, Género e Movimento*, de Nina Clara Tiesler e Nuno Domingos (2012), uma compilação de textos onde se identifica o trabalho sobre as mais diferentes áreas sociais, mas onde destacamos a história e a política como as mais interessantes. É obrigatório também destacar nos trabalhos que têm o futebol como objeto de estudo no âmbito da historiografia as contribuições de Eric Hobsbawm, onde tece considerações sobre a modalidade em muitas das suas obras, mas das quais apontaríamos com particular destaques as obras *Nações e Nacionalismo desde 1780* (Hobsbawm, 1990) e *A Era dos Extremos* (Hobsbawm, 1994), onde o historiador inglês tece considerações sobre a importância que o futebol tem na criação de uma identidade nacional e sobre a naturalidade do processo de globalização do futebol. Também consideramos pertinente enquadrar aqui algumas das obras de Nuno Domingos, uma vez que estabelecemos a interpretação de que alguns dos seus conteúdos sobre o futebol, relacionando-o com o império colonial português, nomeadamente em *A Época do Futebol: O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais* (Domingos, 2004) e *Uma História do Desporto em Portugal – Nação, Império e Globalização* (Domingos, 2011), que contribuíram não só para a realização desta dissertação, como também para um entendimento geral de toda a questão acima referida. Consideramos ainda importante destacar também a obra *Portugal, A equipa de todos nós: Nacionalismo, futebol e Media*, de João Nuno Coelho (2001), uma obra que reflete a reprodução da nação nos jornais desportivos e que tece considerações sobre a questão do nacionalismo e das representações identitárias, configurando-se uma das obras mais completas sobre o futebol português.

A ciência política surge como uma área disciplinar que tem privilegiado o futebol como objeto de estudo nos últimos anos. Acrescentamos a esta nossa ideia o artigo “Football, Politics and Europe” de William Gaillard (2013), onde o autor pretende explorar a instrumentalização política do futebol maioritariamente no século XX. Destacaríamos ainda nesta área as contribuições de Richard Mills e Dejan Zec & Miloš Paunovic, e os seus respetivos artigos “‘It All Ended in an Unsporting Way’: Serbian Football and the Disintegration of Yugoslavia, 1989–2006” (2009) e “Football’s positive influence on integration in diverse societies: the case



study of Yugoslavia” (2015) , que, contribuíram para uma visão pioneira na possibilidade de o desporto, mas em concreto o futebol, assumir o papel primordial na integração e desintegração de um dos maiores estados europeus do século XX.

Sustentámo-nos, naturalmente, em mais obras e artigos científicos, mas consideramos que estes são os que mais informação compilam e os que cobrem as mais diversas áreas que foram mobilizados para esta análise, privilegiando assim uma noção muito mais ampla do futebol e da sua dimensão enquanto fenómeno social, cultural e político a quem as lê. O nosso objetivo será recorrer um pouco a todas as ciências sociais acima referidas, mas com particular incidência na sociologia e na ciência política. As questões às quais pretendemos responder e, conseqüentemente, as conclusões a que se chegou, serão respondidas da melhor maneira com uma particular incidência nestas duas áreas disciplinares, uma vez que estudaremos o futebol enquanto fenómeno social, e os nossos estudos de caso têm todos um contexto político muito específico, o qual é preciso ter em especial atenção.



## **Capítulo 1 - O futebol e política interna**

### **1.1 Desporto- Contexto histórico e conceptualização**

Sendo que o núcleo deste trabalho se dirige essencialmente aos impactos e à importância da prática futebolística e desportiva, um dos pilares que sustenta este trabalho é o conceito de desporto. O desporto, para Costa (1992), é um fenómeno humano que está estreitamente ligado à origem, às estruturas e às atividades da sociedade, o que valida a ideia de que é possível executar a análise de qualquer sociedade através dos desportos que a mesma pratica. Bourdieu (1988), corrobora esta ideia ao afirmar que o espaço do desporto é uma expressão do espaço social. Para Pereira (2010), ao estudar-se o desporto, também se está a estudar a própria sociedade, na medida em que o desporto cumpre os mesmos princípios da sociedade: o do rendimento, o da hierarquização e o da organização burocrática. Seguindo esta ideia, o desporto moderno torna-se uma reprodução fiel dessa mesma sociedade, espelhando o seu tipo de funcionamento, as crises e contradições, mas também os seus sonhos e as suas esperanças, conforme Costa (1992) afirma. Nessa qualidade, o interesse das mais diversas áreas científicas no desporto foi evoluindo gradualmente, deixando de ser apenas alvo da Medicina ou da Educação Física, conforme refere Lourenço (2014).

Segundo a expressão de Marivoet (2002), o desporto da nossa época assume-se pela codificação e institucionalização das diferentes práticas físicas, suportadas pela regulamentação e regulação das ações desportivas. Para a autora, uma definição mais circunscrita sugere que se tenham de delimitar as práticas que são consideradas desportivas, no entanto, estas delimitações são algo voláteis, uma vez que admitem necessariamente uma contextualização naquilo que é o próprio desenvolvimento do desporto moderno nas sociedades ocidentais. Concebe-se então que qualquer atividade física desprovida de mecanismos fiscalizadores e reguladores, não pode ser efetivamente classificada como um desporto.

Dentro desta perspetiva de diferenciação entre desporto e atividade física, em 1976, Dumazedier (1980) considera que a linha distintiva entre o desporto e a atividade física se traça pela competitividade pela qual se rege o primeiro, algo que não está presente na simples atividade física, estando a mesma desprovida de um quadro competitivo. Jean-Marie Brohm apresenta uma definição que caracteriza as práticas hegemónicas do sistema desportivo e reúne um pouco de todos os ângulos acima referidos:

“O desporto é um sistema institucionalizado de práticas competitivas, com dominante física, delimitadas, codificadas, regulamentadas convencionalmente cujo objetivo é, sobre a base de comparação de performances, de proezas, de demonstrações, de prestações físicas, de denotar o melhor concorrente (o campeão) ou de registar a melhor performance (record)”

(Brohm, 1968 citado por Marivoet, 2002:27)

Costa (1992) sugere que o desporto moderno é produto da sociedade capitalista industrial e como tal o foco do desporto adquiriu esses valores, passando a estar centrado num espírito de tipo industrial, como o classifica. Seguindo esta linha de pensamento, o autor considera que os objetivos do desporto deixaram de ser a compleição física e o culto do corpo humano, passando a estar principalmente focados naquilo que é o rendimento desportivo e a “proeza ainda não realizada”. Para Brohm (1976, citado por Costa, 1992:46), esta “ascensão ininterrupta em direção ao melhor”, configura um novo espírito que não é mais do que a reflexão das ordens nucleares de um regime capitalista de produção, que industrializou o desporto e que o integra sob um princípio de rendimento. Costa (1992) corrobora esta teoria ao afirmar que o rendimento é o princípio-base da sociedade capitalista industrial, como tal, esse mesmo princípio constitui o núcleo do sistema desportivo moderno. Esta ideia está sustentada pelo lema olímpico *Citius, Altius, Fortius*<sup>3</sup>, onde se parte do pressuposto que, para atingir o sucesso, os atletas terão de corresponder a esses parâmetros.

Considerando o desporto tal como é entendido atualmente, como o fruto de uma sociedade capitalista, é preciso atender ao valor diferenciador e distintivo que o mesmo pode conferir a quem o pratica. Bourdieu (1987, citado por Marivoet, 1997:105), classifica as práticas desportivas como as práticas de consumo cultural, “encontrando princípios explicativos para os envolvimentos sociais na capacidade distintivas que estas encerram.”. O desporto, para Bourdieu, enquadra-se num mercado de oferta e procura, onde a oferta se estabelece pela capacidade organizativa num determinado momento, e a procura pelas disposições de práticas expressas na sociedade. Por conseguinte, é possível deduzir que as classes sociais com maior capacidade do ponto de vista económico e, conseqüentemente, cultural e social, têm tendência a procurar modalidades de difícil acesso, uma vez que serão essas as únicas capazes de lhes conferir uma maior distinção da restante sociedade, enquanto que, no outro lado do espectro,

---

<sup>3</sup> Latim para “Mais rápido, mais alto, mais forte”

quem tem menos poder financeiro, procura práticas ou consumos desportivos que lhe ofereça alguma capacidade de identificação social (Bourdieu, 1987, citado por Marivoet, 1997).

Contudo, ainda que se considere o desporto moderno como um produto da sociedade e uma fiel reprodução da mesma, Lourenço (2014) afirma que este adquiriu uma independência que lhe permite ter uma ação direta sobre a sociedade que o criou, constituindo um sistema de instituições e agentes com poder e influência social, política e económica, num campo social autónomo. Esta noção, sustentada pelo artigo “Program for a Sociology of Sport”, de Bourdieu (1988), confere uma dimensão superlativa ao desporto, algo que também se pretende atingir com a realização deste estudo. Tendo-se tornado um fenómeno diversificado pela criação e estabelecimento de diversas modalidades, correspondendo desse modo aos diferentes interesses das pessoas, o desporto configurou-se como um potenciador de novos valores (Lourenço, 2014). Nestes valores, pode encontrar-se a exaltação causada pelo desporto. O desporto passou a ser, então, um espaço onde é possível atingir o prazer e a libertação emocional (Elias, Dunning, 1992), libertando um individuo das rotinas diárias e condicionalismos, potenciados por uma sociedade capitalista e industrial.

O descontrolo emocional a que se referem Elias e Dunning (1992) – do ponto de vista do espectador – é um dos elementos presentes na capacidade do desporto em potencializar a sobreposição da emoção face à razão. Essa emoção pode ser traduzida das mais diversas formas, tanto no sucesso, como no logro, mas será sempre configurada como um aspeto mais lúdico, e não tão mecânico, no desporto. Posto isto, Costa (1992) considera que há uma crise lúdica no espetáculo desportivo moderno, na medida em que no futebol, por exemplo, os laços entre o secular e o religioso, nos séculos passados à modernização do desporto, eram muito mais visíveis. No entanto, a ritualização e a componente festiva do desporto, continuam a existir, manifestando-se inclusivamente como uma dependência. Autores que seguem uma linha ideológica marxista procuraram explicar este fenómeno ao conceber que o desporto provoca tão mais entusiasmo, quanto mais se apresenta como um mecanismo de compensação, sugere Costa (1992). Este autor contribui ainda ao afirmar que a ausência de sucesso incapacidade de domínio na vida real, estimula a exaltação e potencia a satisfação em algo que, do ponto de vista líquido, não tem grande significado. Serrado (2011) contribui com uma ideia interessante, sugerindo que num mundo cada vez mais dominado pela ciência, um individuo pode encontrar em alguns desportos – refere o futebol como exemplo – um sentido para a sua existência.

Bento (2004) também refere alguns dos aspetos menos positivos potenciados pelo desporto, considerando que “o desporto como possibilitador da ascensão do homem ao absoluto, ao ilimitado, carece de pessoas humanas formadas com valores de elevação” (Bento, 2004:16). Esta noção é fruto, também, da competição e da sublimação pretendidas e existentes numa sociedade capitalista. Para se realizar desporto ao mais alto nível competitivo, a mentalidade dominante é um fator que tem de estar presente e, para Bento (2004), essa mentalidade tem a si anexada a competitividade e o egoísmo desmedido. Isto cria condições para que se atrole o competidor, de modo a que o “eu” atinja o sucesso, relegando para segundo plano o comprometimento para com o “outro”, algo a que os valores estruturais do desporto obrigam<sup>4</sup>.

Malho (2018), sugere que elementos como a discriminação, o egoísmo, a intolerância e a competitividade exacerbada, são valores que se transferem para a esfera social, e este raciocínio não é um particularmente complicado de atingir. Se nos é possível avaliar uma sociedade pelos desportos que esta pratica, não será menos possível avaliar os valores de uma sociedade pelos valores presentes nos desportos existentes na mesma.

Em função desta ideia, Marivoet (1992), Elias e Dunning (1992) contribuem para a discussão sobre os valores negativos no seio desportivo por intermédio do estudo sobre a violência no espetáculo futebolístico. Apoiada na ideia de Taylor<sup>5</sup>, a autora sugere que a hostilidade no futebol está diretamente relacionada com uma revolta das classes operárias em relação a um “aburguesamento e internacionalização”, como o classifica, da modalidade. Esta aproximação do futebol a classes superiores criou uma distanciação dos praticantes às classes de trabalhadores mais baixas de onde, até então, eram recrutados. A “espectacularização” e “profissionalização” do futebol, deste modo, criaram uma rutura permanente entre os diferentes tipo de adeptos, originando lutas entre os mesmos e transformaram a modalidade numa “mercadoria a ser passivamente consumida”. Elias e Dunning (1992) tecem considerações sobre a criação de tensões sociais tão intensas, originadas pela incapacidade da sociedade em geral em ter mecanismos sólidos de autocontrolo, que permitem anular o controlo individual contra a violência, induzindo certos setores da sociedade a ver nesta algo agradável e positivo.

---

<sup>4</sup> Valores como a competição saudável e justa de modo limpo e respeitador, segundo uma conduta ética, o *fair play*

<sup>5</sup> TAYLOR, Ian, 1971, “*Football mad: A speculative sociology of football hooliganism*”. In: DUNNING, Eric, 1971, *The Sociology of Sport: A Selection of Readings*, London : Frank Cass, pp. 352-377

Face a tudo isto, e com a ideia estabelecida de que o desporto é um produto da sociedade, mas também o seu reflexo, não será errado assumir que a modalidade mais praticada e mais assistida configura um pertinente objeto de estudo sobre os seus impactos particulares na sociedade, uma vez que estará a retratar e a representar uma parte significativa da mesma. Deste modo, pretende-se com o próximo tópico concretizar uma análise aquilo que compõe e caracteriza o futebol, como modalidade e como fenómeno, atendendo às suas origens modernas e às suas repercussões na sociedade.

## **1.2 Futebol: Origem e impactos na sociedade**

De modo a compreender melhor aquela que é a importância e a relevância do futebol na sociedade, será importante cingir esta parte do estudo a uma vertente mais sociológica, uma vez que esta abordagem permitirá conferir alguma profundidade e capacidade de análise crítica ao futebol enquanto fenómeno social, algo que esta área disciplinar permite concretizar. A sociologia como ciência social, sempre procurou o estudo do desporto como uma atividade inserida num espaço social e não como uma realidade natural (Pereira, 2010).

Não obstante, será pertinente conferir previamente uma contextualização breve sobre aquilo que é o futebol moderno, as suas origens e a construção da sua atual dimensão. As origens sobre as quais me debruçarei são as modernas, origens concretizadas a partir de 1863, data em que se dá como oficial para a criação do futebol moderno, pois o futebol criado em 1863 está suportado por uma organização e organicidade que o caracterizam como um desporto.

O futebol pré-moderno caracteriza-se então como uma atividade física, praticada antes de 1863 em diferentes áreas geográficas ao longo da história, desde a Era Antiga ao período moderno, manifestando-se em diferentes moldes, apesar de, no cômputo geral, apresentar verossimilidade ao futebol moderno, aquele que hoje conhecemos. No entanto, este futebol pré-moderno não tem qualquer sentido organizacional ou regulamentação a si associado. Por conseguinte, a modernidade no futebol surge em 1863 em Inglaterra, com a criação da *Football Association*, que perdura até hoje e que tutela todo o futebol profissional inglês. A *Football Association* surgiu quando os capitães, secretários e outros representantes de alguns clubes dos subúrbios de Londres, que até então jogavam cada um a sua própria versão de futebol, se

reuniram com o objetivo de “formar uma associação com o objetivo de estabelecer um código de regras definido para a regulamentação do jogo”<sup>6</sup>.

A partir do momento da sua criação, a *Football Association*, pugnou pelo seu dinamismo e em apenas oito anos passou de onze clubes-membro para cinquenta, criando também aquela que é, ainda hoje, a prova mais antiga do futebol mundial: a *FA Cup*. Ainda antes deste modelo de união em torno de uma só organização ser algo que os restantes países conseguissem copiar, já existiam partidas internacionais dentro do Reino Unido, o que contribuiu para que as associações de futebol que se fundaram alguns anos após a inglesa fossem as dos países que compõem a Grã-Bretanha, a Escócia, Gales e a atual República da Irlanda, respetivamente, tendo posteriormente sido um modelo replicado pelo resto do mundo.

Figura 1- Anúncio da partida internacional entre Inglaterra e Escócia.



Fonte: <http://www.thefa.com/about-football-association/what-we-do/history>

---

<sup>6</sup> Informação disponível em: <http://www.thefa.com/about-football-association/what-we-do/history>



Profundamente conectado com as classes mais desfavorecidas, como já foi referido, o futebol vê nessa característica um mecanismo de expansão que o *rugby*<sup>7</sup>, por exemplo, nunca conseguiu. Serrado (2011) refere que o futebol entre 1925 e 1950 é um fenómeno que já só pode ser comparado aos Jogos Olímpicos. Este crescimento exponencial do futebol e do seu mediatismo transformam-no num negócio altamente apetecível, sujeitando a modalidade a uma industrialização da qual a mesma nunca tinha sido alvo. Para Serrado (2011), esta industrialização retira alguma da inocência que a modalidade tinha em troco de providenciar infraestruturas e condições materiais que antes seriam impossíveis de obter. Mais recentemente, devido à evolução da televisão e do espetáculo televisivo, as estações televisivas reconheceram no futebol uma quase inesgotável fonte de rendimento, com maior ênfase em anos de torneios internacionais de seleções, onde se afiguram registos significativos no que diz respeito ao acompanhamento televisionado. Coelho (2004) dá como exemplo o Mundial de 1998 – referindo que, para além deste exemplo, existem vários eventos futebolísticos no top de maiores audiências televisivas de sempre – com uma audiência acumulada de 37 mil milhões de telespectadores e com a final da competição a ser vista por mais de um terço da população mundial da altura.

Será importante perceber, no entanto, que a transformação do futebol num negócio tem sido cada vez mais evidente e violenta e, conseqüentemente, tem causado profundos impactos na sociedade e não só na modalidade em si, ou nos setores com capacidade de nela investir. Assiste-se, nos últimos anos, a uma industrialização entre as camadas jovens dos clubes, por parte dos mesmos, numa tentativa evidente e violenta de comercializar os jogadores jovens. Este novo panorama contribui para uma nova visão do futebol por parte da sociedade, considerando o mesmo uma possibilidade de promoção social, como a figura 2 ilustra na frase “também tu podes atingir o topo”. Esta nova visão do futebol tem como principal objetivo o enriquecimento financeiro e a progressão social tornadas possíveis pela entrada no mundo futebolístico profissional de elite. Os constantes exemplos de sucesso fomentam cada vez mais esta ideia, o que faz com que a vontade dos pais em que o filho seja o próximo caso de sucesso aumente significativamente, assim como o foco e a vontade do próprio jovem atleta em enveredar no futebol como profissional. Esta visão confere ao futebol a capacidade de ser um

---

<sup>7</sup> Refere-se o *rugby* uma vez que a data da sua criação difere em poucos anos da do futebol (1871). Até então, o *rugby* e o futebol eram, tecnicamente, o mesmo desporto, ambos tutelados pela *Football Association*

fenómeno social significativo e alargado, na medida em que ultrapassa os seus domínios como prática desportiva e estabelece-se como um objetivo e um estilo de vida.

Figura 2- Luís Loureiro e Nélon Semedo à porta do SU Sintrense



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2083102715122551&id=311981902234650&set=a.311989688900538&source=54>

Posto isto, consideramos fulcral nesta altura do estudo evocar a dimensão do futebol como um fenómeno social, mais do que como um desporto. Estudar esta vertente do futebol é o estudo de algo que não pode ser somente o que acontece dentro de um campo de jogo. A carga de expressividade sociológica e antropológica no futebol é de tal maneira elevada que nos permite emergir como seres sociais coletivos e não apenas individuais, conforme indica Pereira (2010).

Esta modalidade desportiva é o tema mais transversal da sociedade atual para Serrado (2011), categorizando a mesma como uma linguagem “universal”. Coelho e Tiesler (2006) refletem sobre esta capacidade do jargão futebolístico em se ter tornado uma espécie de tradição oral, como o classificam, corroborando assim a ideia do poder e da permanência do tema futebolístico na sociedade. Coelho (2004) inclusive faz menção às constantes metáforas futebolísticas utilizadas pelos políticos nos seus discursos. Congregador das atenções públicas, muito devido à ação dos *media*, o futebol, ao contrário da política, da religião ou de outras

temáticas notoriamente mais complexas, pode ser falado por todos porque é algo que domina toda a sociedade, segundo Serrado (2011).

Serrado (2011), sustenta ainda esta aceção do futebol como um fenómeno social, fazendo referência à capacidade que um jogo de futebol tem em proporcionar a quem o vê uma panóplia de emoções, inclusivamente antagónica e com uma forte intensidade durante 90 minutos. É particularmente difícil encontrar algo que revele essa mesma capacidade fora de um jogo de futebol, bem como algo que o explique, considerando em última instância o futebol como uma espécie de religião (Serrado, 2011). O autor ainda tece a consideração de que esta dimensão é incomparável, não existindo mais nenhuma modalidade, atividade ou fenómeno de carácter social ou cultural em que as emoções e comportamentos causados pelo futebol se repliquem em igual escala, intensidade ou proporção.

Coelho (2004), segue a mesma linha de pensamento ao afirmar que o futebol fornece uma vasta cultura paralela que se estende de um jogo para outro, durante toda a semana. BoreMBERGER (BoreMBERGER, 1993 citado por Coelho, 2004) considera que o jogo de futebol proporciona “uma representação viva das características das sociedades modernas: a importância atribuída à sorte, à competição e à divisão de tarefas, a suposta meritocracia, o facto de a felicidade de uns corresponder a infelicidade dos outros.” (BoreMBERGER, 1993 citado por Coelho, 2004:120) É uma condensação simbólica dos dramas e passos que marcam a vida de um indivíduo, configurando-se como favorável ou desfavorável, dependendo de quem triunfa: para o autor, o “nós”, ou o “eles”.

Pereira (2010) considera o futebol um espetáculo de massas em que se vibra com o jogo e se partilham as emoções inerentes a este. O futebol é, para Pereira (2010), um fenómeno que se estende bem mais do que aos noventa e poucos minutos onde de facto ocorre, abarcando conversa e controvérsia, não se ficando pelo simples objetivo do golo, que é de resto o principal. O que considera ser uma dramatização do jogo é algo que constitui o futebol como um fenómeno planetário e intenso, na medida em que a visualização de um jogo passa por uma vivência “excitante, nervosa e ansiosa” em vez de “relaxada e descontraída” (Pereira, 2010:30).

Esta dimensão do futebol como um fenómeno de massas configura uma ponte perfeita para o tópico que se pretende abordar de seguida: o associativismo. Está provado que o futebol é algo que impacta a sociedade e o indivíduo comum de uma maneira significativa. No entanto, consideramos ser também importante apresentar alguns dados sobre como é que o mesmo indivíduo se manifesta em prol da modalidade, o que procura nessa manifestação e em que

contribui especificamente. Deste modo, concebe-se o associativismo como algo necessário na sociedade moderna, uma vez que a mesma é também uma sociedade organizacional. A criação de grupos em tornos de gostos e objetivos semelhantes é algo característico na sociedade atual e é a caracterização do associativismo (Sousa, 2012).

Sousa (2012) considera o associativismo como uma forma de expressão da liberdade baseada no direito de partilha e comunicação de cada individuo na sociedade. A nível desportivo, o associativismo deu origem às associações desportivas, sustentadas pela necessidade de participação e de partilha de experiências. O sucesso destas prende-se pelo facto de que as associações desportivas não se ocupam apenas de atividades desportivas, permitindo ao indivíduo comum que se filie como associado e não como associado praticante (J. Sousa, 1986 citado por A. Sousa, 2012). Ainda J. Sousa, (1986 citado por A. Sousa, 2012), pondera sobre as motivações que urgem nos indivíduos de modo a que estes se agreguem às associações com práticas desportivas, referindo que a procura de aventura, o desejo de triunfo, a busca pela competição e pela compensação, bem como o sentimento de pertença a um grupo são elementos a ter em conta do ponto de vista do praticante. Do individuo que se alia sem ter como foco principal a prática desportiva, estima-se que a atração do espetáculo desportivo e um sentimento de identificação e de defesa a um clube ou campeão sejam os principais estímulos (Sousa, 2012). Por conseguinte, é possível concluir que o futebol ganhou devido ao associativismo, uma enorme capacidade de expansão por intermédio da criação de várias pequenas agremiações, conhecidas como clubes, cujos objetivos eram a prática da modalidade desportiva. Estes clubes configuram um mecanismo de representação regional, ou nacional, no caso das seleções, sendo fulcrais na construção de uma identidade.

Consideramos interessante, não querendo, no entanto, alargar particularmente o tratamento desta matéria, referir alguns pontos que estimamos serem relevantes sobre a dimensão da construção identitária causada pelo futebol, antes de procedermos à análise dos estudos de caso que definimos para cumprir os objetivos definidos para esta dissertação. Seguindo esta ideia, será importante para entendermos esta relação, ter em conta as considerações que Hobsbawm (1990) tece sobre a ligação entre o futebol e o processo geral de reprodução da nação ao afirmar que a “imaginada comunidade de milhões parece ser mais real com uma equipa de onze pessoas nomeadas. O individuo, mesmo aquele que apenas aplaude, torna-se, ele próprio, um símbolo da sua nação” (Hobsbawm, 1990:137). Hobsbawm (1990) para sustentar a sua ideia, partilha ainda uma história da sua infância onde, ao ouvir uma transmissão via rádio do primeiro encontro internacional entre Inglaterra e a Áustria, os seus amigos austríacos prometeram que

se vingariam dele caso a Inglaterra ganhasse. Para o autor, este conceito de fidelidade da equipa à nação encontrava-se alargado e presente até em crianças de 12 anos. O historiador inglês em *A Era dos Extremos* (1994) tece ainda considerações sobre a globalização do futebol ao afirmar que a modalidade foi “o desporto que o mundo tornou seu (...). Esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos (...) traçou o seu caminho no mundo inteiramente pelos seus próprios méritos, e, com o estabelecimento do Campeonato do Mundo em 1930, tornou-se genuinamente universal.” (Hobsbawm, 1994:158)

Também Coelho (2004) relaciona o futebol com a nação ao apontar que, num mundo globalizado, existir uma forma de cultura global que possibilite a competição entre nações torna-se “extremamente atrativa para o desenvolvimento e produção de discursos identitários baseados nas várias ideias de vitória e derrota, superioridade, heroísmo, drama (...)” (Coelho, 2004:123)

É-nos então possível em função de tudo isto concluir que o futebol, como qualquer outra modalidade desportiva, configura-se como o produto de uma sociedade capitalista e industrializada que gradualmente seguiu também esse sentido de industrialização, de massificação. Independentemente dessa linha, manifestou-se também desde cedo como um fenómeno, tanto desportiva, como socialmente, tornando-se capaz de conglobar uma vasta maioria da sociedade em seu torno. Não obstante, o futebol pode ainda ter outro papel. O papel de elemento agregador ou desagregador da mesma sociedade que o produz e que o mesmo reflete. Esta dimensão só é possível adquirir devido à sua abrupta e forte massificação enquanto desporto e ao apego emocional que a própria sociedade desenvolveu face à modalidade, mas, principalmente, devido à dependência dos valores e das emoções que em cada um são potenciados ao consumir e viver futebol. Trata-se do tal descontrolo emocional permitido que Elias e Dunning (1992) categorizaram. O que pretendemos com o próximo tópico é analisar aprofundadamente dois casos, em que o futebol se manifestou como um dos elementos, ou até mesmo como o agente principal, na congregação e na disrupção de um povo ou de uma sociedade e provar que é possível ao mesmo assumir esse papel e essa dimensão.

É importante explicar que existe uma pluralidade considerável de casos em que o futebol se manifestou desta maneira. Como exemplo claro disso podemos desde já referenciar o caso do Clube de Regatas Vasco da Gama com a abolição do racismo no futebol brasileiro por

intermédio da “Resposta Histórica”<sup>8</sup>, documento onde o clube brasileiro espelhou a sua vontade em surgir como uma figura principal no combate ao racismo institucionalizado no futebol brasileiro, ao desistir e retirar-se da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, como uma forma de recusa a excluir os jogadores negros que a Associação tinha solicitado excluir. Também consideramos um caso de destaque o do Futebol Clube de Barcelona, intimamente conectado à questão do separatismo e um dos responsáveis pelo crescimento da consciencialização catalã. Sílvia (2019) considera que o clube catalão é um exemplo de sucesso na Catalunha não só pelo sucesso desportivo, mas também por se assumir como uma plataforma para a expansão da consciência nacional catalã, tanto na forma de dinâmicas características da esfera futebolística, como na forma de rituais de pertença a um grupo através da promoção de sentimentos nacionalistas, ou na dramatização das rivalidades, e principalmente pela elevação daqueles que alcançam o sucesso desportivo para ícones nacionais.

Os casos de estudo que escolhemos, quer o que respeita a união e desintegração jugoslava, quer o da trégua temporária na Guerra Civil Costa-Marfinense por causa do pedido do jogador de futebol Didier Drogba, são, na nossa interpretação, dois casos em que se manifesta de maneira muito evidente e perentória o poder que o futebol pode ter de interferir em conjeturas políticas e sociais mais adversas, e em períodos mais recentes da história, contribuindo assim de uma maneira mais sustentada para cumprir os objetivos definidos para esta dissertação.

### **1.3 O futebol na integração e disrupção da Jugoslávia**

Ainda antes da explicitação sobre a razão de o futebol ter sido um fator importante na integração (e também na desintegração) da Jugoslávia, consideramos que será importante começar por uma breve caracterização sobre o contexto da Jugoslávia à época. Deste modo, a Jugoslávia foi um país que nasceu no rescaldo da primeira da Primeira Guerra Mundial, em 1918, e surge como um estado multinacional. Este sofreu de intensos problemas relacionados com manifestações nacionalistas no período entre guerras, especialmente entre os croatas e os sérvios (Kajtezović, 2015). É importante também contextualizar politicamente a Jugoslávia, sendo que para o objetivo que pretendemos cumprir, a melhor contraposição será entre a

---

<sup>8</sup> Resposta dada pelos dirigentes do Clube de Regatas Vasco da Gama à solicitação da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos com vista a excluir 6 jogadores do Vasco da Gama pelo facto de estes serem negros e operários.

Jugoslávia com Josip Broz "Tito"<sup>9</sup>, presidente desde o fim da II Guerra Mundial, por intermédio do estabelecimento da República Socialista Federativa da Jugoslávia em 1945, até à sua morte, em maio de 1980, e a Jugoslávia no período pós" Tito". Esta divisão configura-se como a mais interessante na nossa perspetiva uma vez que "Tito" utilizou o desporto, e mais concretamente o futebol, como uma força integrativa e potenciadora de uma identidade jugoslava, e foi, também com a influência do futebol como explicaremos, que a Jugoslávia se desintegrou, após a sua morte. Missiroli (2002) considera o caso jugoslavo um dos mais interessantes porque, independentemente da primazia dada ao basquetebol como um desporto "nacional," o futebol jugoslavo viveu nas décadas de 1960 e 1970, durante a presidência de "Tito", os seus melhores anos.

Deste modo, "Tito" era um estadista simpatizante comunista, que lutou contra os nazis e os nacionalistas sérvios e croatas para estabelecer um país liderado por uma frente comunista (Kajtezović, 2015). A sua presidência fica marcada por uma clara tentativa em ultrapassar as divisões nacionais muito fortes então existentes e em instigar um sentimento jugoslavo partilhado pelos diversos povos que compunham a Jugoslávia (Kajtezović, 2015). Sob a sua liderança, o governo comunista esteve ativamente envolvido em eventos populares, sendo que o desporto em particular, foi uma área contemplada e merecedora de atenção (Kajtezović, 2015). Manifestação clara deste envolvimento direto dos governantes jugoslavos no desporto, surge num discurso, em 1972, no quinto aniversário do *Velež Mostar Football Club*. Diz "Tito":

"Camaradas, vocês estão no caminho certo, (...) desde a vossa origem. Além disso, mantiveram-se politicamente unidos. Quero que o futuro promova fraternidade e unidade, a que é necessária para se tornarem cada vez mais fortes e consolidados. Quero especialmente que vocês, a geração jovem que segue o desporto, se tornem os primeiros soldados, os que vão proteger contra todo e qualquer ataque nacionalista. Vocês devem estar unidos; vocês devem valorizar e fortalecer a irmandade e a unidade de nossa nação. Esse é o nosso caminho socialista."<sup>10</sup>

Ficava então evidente que "Tito" considerava que, através do desporto, uma nova identidade nacional poderia ser construída (Kajtezović, 2015). Autores como Mills (2010), ponderam sobre estas palavras "cuidadosamente escolhidas", como as classifica, afirmando que as mesmas criaram e providenciam uma visão renovada do *Velež Mostar Football Club*. Este

---

<sup>9</sup> Referir-nos-emos daqui em diante a Josip Broz pelo seu título militar de marechal, "Tito", nome pelo qual ficou mais conhecido.

<sup>10</sup> MILLS, Richard (2010) – "Velež Mostar Football Club and the Demise of 'Brotherhood and Unity' in Yugoslavia, 1922–2009", *Europe-Asia Studies*, p.1107

clube teve uma importância significativa na luta da libertação nacional, uma vez que muitos dos seus futebolistas juntaram-se aos *Partisans*<sup>11</sup>. Criou-se, inclusive, um monumento para os futebolistas e funcionários que faleceram na luta contra as tropas invasoras (Mills, 2010).

A Jugoslávia emergiu da II Guerra Mundial completamente devastada e dividida. A sua população estimada era de quinze milhões e aproximadamente um milhão desses quinze havia sido morto, o que teve impactos também na economia e na desconfiança étnica que “Tito” tanto tentava combater (Brentin, Zec, 2017). Já com a constituição da República Socialista Federativa da Jugoslávia estabelecida no final da década de 1940, que durou até ao início da década de 1990, a Jugoslávia por intermédio de “Tito” procedeu à criação de clubes futebolísticos e associações desportivas, reunindo grandes multidões em tornos dos seus espetáculos (Brentin, Zec, 2017).

“Tito” acreditava que a expansão da cultura desportiva iria facilitar o desenvolvimento e a educação da população mais jovem (Kajtezović, 2015). Como acima referido, houve vários projetos desportivos desenvolvidos pelos governantes jugoslavos, mas alguns deles tinham um fundamento político a sustentá-los, como a inauguração de complexos desportivos com a representação simbólica da libertação *Partisan* das forças fascistas e nazis. Estas ações constituíam um novo espírito socialista e, para o então presidente jugoslavo, o futebol começou a tornar-se parte da ferramenta utilizada para expandir a cultura política socialista, com a finalidade de desenvolver uma juventude socialista e com o espírito de uma Jugoslávia unificada (Kajtezović, 2015).

Nos Jogos Olímpicos de 1952 em Helsínquia, a Jugoslávia jogou uma partida onde tinha como adversária a então URSS<sup>12</sup>, na qual fez uma recuperação significativa após ter estado em desvantagem no marcador, terminando o jogo empatado 5-5. Num segundo jogo, a seleção da Jugoslávia acabou por derrotar o conjunto soviético por 3-1. Esta vitória traduziu-se num apoio massificado a “Tito”, afirma Kajtezović (2015). As crianças passaram a identificar-se com os jogadores do sérvio Partizan de Belgrado, ou do sérvio Crvena Zvezda (Estrela Vermelha), com o croata Hajduk Split, ou o também croata Dinamo de Zagreb, deixando para segundo plano a sua identidade étnica (Kajtezović, 2015). Brentin e Zec (2017), consideram que estes e alguns outros clubes tornaram-se pilares de cultura local, regional e nacional, bem como da identificação política. Nesses, como em quaisquer jogos olímpicos, por ser uma competição

---

<sup>11</sup> Movimento de resistência com o fim de combater e desestabilizar as forças do Eixo na Jugoslávia. Teve a sua ação desde 1941 até 1945.

<sup>12</sup> União das Repúblicas Sociais Soviéticas



que exige a presença de países e não de clubes, existiram bastantes símbolos patrióticos e bandeiras. A vitória, portanto, representou ainda que simbolicamente, a vitória contra um rival socialista pelo futuro do socialismo (Kajtezović, 2015). Este foi um jogo, para este autor, que teve como efeito a fortificação do apoio à volta da seleção nacional jugoslava, ao longo de todo o percurso da Jugoslávia.

Brentin e Zec (2017) consideram ainda que sempre que a nação jugoslava era confrontada com alguma ameaça externa, o desporto atuou como um meio de defesa e uma ferramenta para a atração do apoio internacional, sendo o futebol em concreto o mecanismo mais eficaz da mesma defesa, referindo a importância das partidas com a URSS nos Jogos Olímpicos de 1952.

Também em 1968, uma equipa muito jovem, composta maioritariamente por estudantes ou futebolistas amadores, ganhou à então campeã do mundo Inglaterra e quase derrotou a anfitriã Itália na fase final do campeonato europeu (Missiroli, 2002). A visão da sociedade jugoslava ao debruçar-se sobre os feitos da sua seleção percecionados pela população como heroicos, transformou-se e manifestou-se no fortalecimento da união e fraternidade pretendidas por “Tito”.

Estas vitórias, ou a conquista da medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 1960 e também as presenças nas fases finais de torneios de futebol internacionais, traduziram-se num sucesso a nível internacional para a seleção jugoslava, o que, por sua vez, se refletiu na construção de um maior reconhecimento adquirido junto das nações de maior relevo da altura no âmbito futebolístico. A Jugoslávia transformou-se, devido à importância dada ao futebol bem como às políticas sociais e culturais de “Tito”, numa das maiores potências futebolísticas durante toda a sua existência.

Embora constitua um breve desvio, consideramos interessante referir que o desporto também foi usado para promover as capacidades turísticas da Jugoslávia, uma vez que o país balcânico foi o anfitrião dos Jogos do Mediterrâneo em 1979. Interessante porque, num contexto de Guerra Fria, a Jugoslávia, segundo indicam Brentin e Zec (2017), podia utilizar o seu posicionamento específico como um instrumento nas relações internacionais. Os Jogos Olímpicos de Inverno em Sarajevo, em 1984, foram o pináculo da promoção jugoslava sobre a sua superioridade ideológica no plano internacional, uma vez que foram vistos como um espetáculo integrativo que deveria levar toda a gente na Jugoslávia, e no mundo, a unir-se (Brentin, Zec, 2017).

No entanto, a Jugoslávia não era apenas a sua seleção nacional. Os seus clubes sempre tiveram bastante personalidade e presença, talvez devido aos grupos de adeptos bastante sempre com presença bastante vincada e muito dedicados. Alguns clubes apresentavam-se como estando relacionados com o sucesso comunista na luta pela libertação nacional. Como já referimos, vários jogadores de futebol, mas também atletas das mais diversas modalidades (como Jovan Mikić<sup>13</sup>) tinham sido soldados da resistência *Partisan*, o que originou que alguns clubes, como é o exemplo do Hajduk Split, ou do *Užice Football Club* se apresentassem como estando ligados à vitória comunista contra os ocupantes, honrando aqueles que tinham caído nesta luta. Devido a isso, os comunistas passavam à juventude uma ligação entre o socialismo, o desportivismo e martírio (Kajtezović, 2015).

Contudo, e talvez por essa característica, esses mesmos clubes configuravam uma ameaça devido à potencial promoção nacionalista dos mesmos, o que se traduziu numa justificação clara para o intervencionismo do estado comunista na liga nacional de futebol jugoslava (Kajtezović, 2015). Alguns clubes, como o croata Zrinjski Mostar, eram associados a movimentos fascistas. Kajtezović (2015) indica que o clube se transformou num símbolo do nacionalismo croata pelo manifestação do seu emblema aos quadrados brancos e vermelhos. O próprio nome Zrinjski, é originário da nobreza croata, de uma família que combateu os otomanos e os austro-húngaros no século XVII, segundo Mills (2010).

É interessante a maneira como os governantes jugoslavos lidaram com o futebol, uma vez que, reconhecendo a importância e a potencial ameaça do mesmo em criar e promover um sentimento de identidade étnica, acabaram por banir diversos clubes e as suas respetivas claque, criando outros, como é o caso do FC Partizan, com um dos fundadores a ser um general comunista da resistência *Partisan* (Kajtezović, 2015). A expansão da liga de futebol jugoslava também foi uma das ações inteligentemente desenvolvidas por parte dos governantes comunistas, ao abraçar na liga nacional de futebol jugoslava alguns clubes menos afirmados de algumas das suas repúblicas.

---

<sup>13</sup> Atleta jugoslavo assassinado em 1944, representante da Jugoslávia nos Jogos Olímpicos. Foi morto como soldado *Partisan*.

Figura 3- “Sportski Magazin” de 1955, uma história sobre o papel do Partizan do futebol jugoslavo.



Fonte: <http://partizan.rs/wp-content/uploads/2017/06/Partizanovi-%C4%8Dasopisi.pdf?pismo=lat>

O futebol, deste modo, tornou-se uma componente essencial para o regime comunista de “Tito” conseguir enaltecer a identidade jugoslava ao promover uma atmosfera futebolística de cariz multiétnico (Kajtezović, 2015). Os sucessos internacionais da seleção jugoslava eram uma representação simbólica do sucesso de “Tito” e a presença multiétnica na mesma, serviu como uma reprodução fidedigna da irmandade e união que o presidente comunista havia pedido aquando do quinto aniversário do Velež Mostar *Football Club*. O sucesso dos clubes nas competições europeias e o facto dos jogadores da seleção jugoslava jogarem em alguns dos maiores clubes da liga jugoslava facilitavam as ideias do progresso pretendido pelo presidente comunista (Kajtezović, 2015). No entanto, sempre houve também uma noção do outro lado da moeda por parte de “Tito”.

Se era possível ao regime do presidente jugoslavo aproveitar o futebol para unir a Jugoslávia em torno de uma nação integradora e multiétnica, também seria possível, se não houvesse a devida atenção por parte dos governantes, que os movimentos nacionalistas presentes em alguns clubes de futebol e nas suas claqueas reemergissem e consequentemente promovessem os valores que defendiam por intermédio da modalidade. O impacto e o

envolvimento do regime no futebol jugoslavo tiveram uma profunda ação a nível social, nomeadamente na forma como a modalidade era concebida e entendida. (Kajtezović, 2015). Um espírito revolucionário socialista estabeleceu-se na Jugoslávia através da celebração dos que haviam caído pela luta de libertação nacional, celebração essa que estava manifestada na criação de monumentos nos estádios de futebol (Kajtezović, 2015). No entanto, a mesma modalidade que serviu para a integração da Jugoslávia e do povo jugoslavo, serviu também para a desintegração da mesma, tendo sido utilizada como veículo de propaganda do nacionalismo étnico. Vejamos como.

A morte de “Tito” em 1980 foi um marco importante naquilo que foi o começo do processo de desintegração jugoslava. A morte de “Tito” foi anunciada no dia 4 de maio de 1980 em Split, na Croácia, durante o jogo entre o Estrela Vermelha de Belgrado e o Hajduk Split de Split, dois dos maiores rivais da liga, e o jogo foi imediatamente interrompido, com todos os presentes no estádio a chorar e a cantar a música patriótica *“Comrade Tito, We Pledge Our Allegiance”*<sup>14</sup> (Kajtezović, 2015). Este momento representou na perfeição a irmandade e união pretendida pelo presidente jugoslavo, e pode argumentar-se que este impactante e simbólico momento de fidelidade a “Tito” é representativo do seu envolvimento no futebol durante a sua presidência (Kajtezović, 2015).

Figura 4- Jogadores do Estrela Vermelha e do Hajduk Split a chorar durante o anúncio da morte de "Tito"



Fonte: <https://trivela.com.br/o-dia-em-que-um-homem-fez-servios-e-croatas-chorarem-juntos-em-um-estadio-de-futebol>

---

<sup>14</sup> Camarada “Tito”, juramos nossa fidelidade”

A percepção de que a Jugoslávia poderia passar por um processo de disrupção era algo que poucos antecipavam, durante o governo de “Tito”, que considerava os soviéticos como a principal ameaça à existência e integridade do país balcânico (Kajtezović, 2015). No entanto, efetivou-se uma crise política e social em meados da década de 1980, sustentada pela emergência dos sentimentos nacionalistas mal resolvidos. Kajtezović (2015) argumenta que estas disputas nacionalistas ressurgiram em grande escala e ajudaram-se mutua e reciprocamente, vindo a contribuir para o fim da potência jugoslava.

Como parte integrante da sociedade socialista jugoslava, o desporto, e em particular o futebol, não podia escapar às controvérsias e problemas políticos e sociais do país. Ainda antes do ressurgimento violento na década de 1980, as tensões nacionalistas chocaram a Federação em 1970, e os estádios e complexos desportivos foram os primeiros palcos onde essas mesmas tensões foram exibidas e refletidas (Brentin, Zec, 2017). A emergência do *hooliganismo* no seio da Europa na década de 1970 chegou à Jugoslávia apenas na década seguinte, fazendo com que os estádios de futebol se tornassem sítios perigosos para visitar e frequentar (Brentin, Zec, 2017). A violência, apesar de ser um novo paradigma nos estádios europeus de futebol, também se manifestava como um produto da crise estrutural e identitária em que a Jugoslávia estava presa. Apesar de já existir alguma agressividade, e especialmente manifestações nacionalistas no futebol, as mesmas acentuaram-se nesta altura, revelando uma nova incapacidade do regime jugoslavo em lidar com elas (Brentin, Zec, 2017).

Para Brentin (2013) é possível argumentar que a situação tensa nos estádios de futebol que resultou em violência recorrente, também era uma amplificação social da frágil condição do regime jugoslavo. Muito devido aos agudos problemas económicos como a hiperinflação e a subida abrupta da taxa do desemprego, a inabilidade do regime jugoslavo em resolver esta crise foi agravando gradualmente os problemas sociais ao longo de toda a existência da Federação, que se faziam acompanhar pelas demandas de maior autonomia de e para algumas repúblicas. A divergência política teve o seu auge no 14º congresso da Liga de Comunistas da Jugoslávia, onde as delegações croata e eslovena decidiram abandonar o mesmo, em sinal de protesto para com a posição sérvia. Isto resultou na dissolução da Liga de Comunistas da Jugoslávia (Brentin, 2013).

A seleção nacional jugoslava, no entanto, continuava a manifestar-se como um mecanismo para o esquecimento temporário dos sérios problemas políticos e económicos que o país atravessava (Kajtezović, 2015). Apesar da morte de “Tito”, o seu legado em usar o futebol como

uma força integradora manteve-se presente no plano internacional, com o povo jugoslavo a celebrar vigorosamente as conquistas da seleção nacional, como por exemplo o que ocorreu nos Jogos Olímpicos de 1984, onde conquistaram o terceiro lugar, e a sentir as derrotas de maneira desoladora, como sucedeu no Campeonato Europeu de Futebol, no mesmo ano, onde a Jugoslávia foi eliminada com três derrotas em três jogos. O selecionador jugoslavo reconhecia a importância das partidas internacionais e o efeito profundo que tinha no povo do seu país (Kajtezović, 2015).

No entanto, a nível nacional, a situação não era idêntica. O ressurgimento de símbolos de identidade nacionalista no objeto de bandeiras dos países foi acompanhado pela propagação de mensagens políticas agressivas nos estádios de futebol. Exemplo disso foi a exibição dos símbolos do Ustaša<sup>15</sup> e do Četnik<sup>16</sup>, que se revelavam manifestamente anti jugoslavos, nas bancadas, ou a entoação da “*forbidden and nationalist song*” (Brentin, 2013). Estes conflitos eram particularmente visíveis numa pequena faixa da comunidade das “*football fan tribes*”, como lhes chama o autor. A situação da exigência de uma república por parte do Kosovo, em 1981, pode ter contribuído para inspirar e agudizar alguns destes movimentos.

Envolvida numa profunda crise social, política e económica, como já pudemos verificar, a Jugoslávia viu a violência relacionada com o futebol atingir o seu pico no dia 13 de maio de 1990, dia em que ocorreu o jogo entre os eternos rivais do Dínamo de Zagreb e o Estrela Vermelha de Belgrado, com a partida a decorrer no estádio dos croatas, dias após a eleição de Tudjman<sup>17</sup>. O jogo teve de ser suspenso devido aos violentíssimos confrontos entre os adeptos de cada uma das equipas, tornando o estádio numa “arena gladiatória de loucura, raiva, perigo e ódio” (Brentin, 2013:996). Consideramos interessante referir o facto de que os confrontos violentos entre adeptos estão presentes até hoje como uma poderosa bandeira dos anos finais da Jugoslávia e da sua desintegração, argumentando Brentin (2013) que o dia 13 de maio de 1990, dia do jogo entre o Dínamo de Zagreb e o Estrela Vermelha de Belgrado e do embate entre as suas claques, representa o dia em que começa a guerra entre os antigos estados que compuseram a Jugoslávia. Autores como Dražen Lalić atribuem um significado importantíssimo a este jogo na desintegração da Jugoslávia, considerando que a violência não

---

<sup>15</sup> Organização paramilitar croata de cariz fascista e nacionalista

<sup>16</sup> Organização paramilitar sérvia de cariz monárquico e nacionalista

<sup>17</sup> Primeiro presidente da Croácia após o processo de dissolução da Jugoslávia. Foi um dos maiores responsáveis pelo mesmo.

era direcionada a um grupo de adeptos adversário, mas sim ao estado jugoslavo e à representação dos seus símbolos.

Figura 5- Manchete do jornal croata, Sportske Novosti, onde se pode ler "Os adeptos do Estrela Vermelha provocaram conscientemente o maior incidente".



Fonte: <https://twtext.com/article/1260463511882399746>

As claques do Estrela Vermelha e do Dínamo transportaram o incidente para fora do estádio, naquilo que foi descrito pelos jornalistas jugoslavos como um “dantesco círculo do inferno”, onde “algo selvagem foi despertado” (Brentin, 2013). As tensões entre a Croácia e a Sérvia foram espicadas quando surgiram acusações do lado croata, referindo que a polícia agiu de maneira inadequada, “suspeitosamente” tarde e focando apenas os membros da claque do Dínamo, protegendo os do Estrela Vermelha de Belgrado. A Sérvia ripostou numa contra narrativa, apontando ao novo governo croata a preparação meticulosa do incidente, com o objetivo de provocar os túmulos, explorando-os politicamente, refere Brentin (2013). Ainda sobre as cenas caóticas ocorridas nesse dia, o autor destaca uma com particular peso simbólico. O capitão de equipa do Dínamo, Zvonimir Boban, entrou nos tumultos para ajudar um adepto da equipa croata que estava a ser espancado pela polícia. A ação do jogador tornou-o uma lenda viva para o clube, e serviu também para acalentar vontades em muitos croatas, uma vez que era

vista como um ato de resistência a uma hegemonia sérvia nas instituições jugoslavas, evidentemente demonstrada pela falta de ação policial na defesa dos adeptos do Dínamo.

A expressão do nacionalismo nos campos de futebol era uma das maiores e mais comuns ferramentas na Jugoslávia, devido à importância dada à modalidade e a toda a cobertura televisiva que a mesma era objeto. A modalidade configurava um veículo de sucesso para atrair as atenções das causas políticas nacionalistas. Esta situação, ainda assim, teve contornos mais vinculados na Croácia e na Sérvia. Os croatas queriam a independência e a eleição de Tudjman serviu para a exposição de ideias e símbolos nacionalistas, uma vez que o presidente e o seu governo davam o aval para que isso acontecesse (Mills, 2009). Os fãs do Hajduk Split da Croácia foram a Belgrado jogar com o Partizan e queimaram a bandeira nacional, de seguida perseguiram os jogadores do clube sérvio até os mesmos se terem visto obrigados a esconderem-se nos balneários (Mills, 2009)

Mills (2009) indica que no dia 29 de maio de 1991, meses antes da guerra da antiga Jugoslávia começar, aquando da conquista da Taça dos Campeões Europeus por parte do Estrela Vermelha de Belgrado, em Itália, a secção de adeptos do clube sérvio expôs uma bandeira da Sérvia, que cobria larga parte da sua secção, sendo que era notória a ausência de bandeiras jugoslavas no estádio. Ainda que os sucessos da equipa pudessem ter sido festejados por toda a Jugoslávia (muito provavelmente só por sérvios), a presença e as ações dos adeptos deixara clara a intenção de se afirmarem como sérvios, e não jugoslavos, perante toda a Europa (Mills, 2009). Em Belgrado, a vitória foi representada como um triunfo da nação sérvia, fazendo ainda referência ao facto de o jogo da final ter sido jogado no *St Nicholas Stadium*, um santo importante na iconografia ortodoxa sérvia, com o intuito de enfatizar a importância do Estrela Vermelha e da fé ortodoxa no nacionalismo sérvio, mencionando que o clube “tem um valor e importância excepcional para a Jugoslávia, mas sobretudo para a Sérvia” (Mills, 2009).

Wood (2013) afirma que quando a guerra começou na Croácia em 1991, membros das claque de futebol foram alguns dos que mais depressa se voluntariaram, carregando a violência interétnica existente nos estádios para os campos de batalha. Esses adeptos usavam os cachecóis dos seus respetivos clubes à frente e a identificação das claque em alguns dos seus tanques. Refere que mais do que se juntarem à guerra, os adeptos funcionaram como uma frente de guerra.

É-nos possível concluir que a situação da Jugoslávia é muito ilustrativa daquilo que pretendemos caracterizar. O futebol, quando o regime comunista de “Tito” chegou ao poder,



após a II Guerra Mundial, despoletou sentimentos em relação ao jogo e a uma herança comum poderia ser utilizada nos esforços do governo para superar as atrocidades e dissensões que ameaçavam destruir a própria ideia de unidade do país (Zec, Paunović, 2014), manifestando-se como uma das principais armas do regime na promoção e uma aproximação, uma irmandade e união pretendida pelo mesmo. Influenciador evidente da integração multiétnica e da promoção do sentimento de pertença a uma Jugoslávia forte, o futebol constituiu também uma moral socialista para a juventude que “Tito” pretendia moldar como os futuros defensores e protetores do estado jugoslavo. Apesar de não ser condizente com a dissolução da Jugoslávia, também é possível afirmar que durante muitos anos, o futebol foi um veículo da propaganda comunista na questão anti étnica e anti nacionalista e na celebração daqueles que perderam a vida na luta de libertação nacional. Após a morte de “Tito”, o seu legado ainda esteve presente durante alguns anos, com o futebol a manifestar-se como um organismo unificador. No entanto, as profundas crises sociais, políticas e económicas que o país balcânico viria a atravessar, transformaram o legado de “Tito” naquilo que ele combateu. O futebol assumiu a dimensão de agente desintegrador na Jugoslávia por intermédio dos radicais adeptos de muitos dos seus maiores clubes, que viam na modalidade a ferramenta de expansão necessária aos seus ideais. Através da violência e das tensões nacionalistas evidenciadas pelos clubes, a irmandade e união acabaram na Jugoslávia, fazendo com que o país balcânico se dissolvesse em 1991.

#### **1.4 Didier Drogba e a trégua temporária na Guerra Civil da Costa do Marfim**

É importante, à semelhança do caso anterior, antes do estudo de caso, fazer um enquadramento sobre o contexto em que ocorre o episódio aqui contemplado, durante a Guerra Civil na Costa do Marfim. Desta forma é possível perceber a amplitude e o impacto que o caso aqui em análise teve neste país africano. Após isso, traçaremos de maneira muito breve o perfil do jogador costa-marfinense Didier Drogba, salientando a razão das suas ações e o impacto que as mesmas tiveram na Guerra Civil, sustentado pelo jogo de apuramento para o Mundial de 2006. Consideramos que esta é a melhor maneira de abordar este caso específico, uma vez que cobrirá todos os pontos que consideramos fulcrais para o entendimento do mesmo e sustentação dos objetivos definidos para esta dissertação.

A Guerra Civil na Costa do Marfim tem início em 2002, mas as causas que estiveram no seu eclodir já estavam presentes no país africano desde 1980, quando, devido à escassez de

terras para o setor agrícola e ao colapso do preço de exportação do cacau e do café, a economia teve uma queda acentuada (Rocco, Ballo, 2008). Esta crise económica obrigou à entrada do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional no país. O desemprego jovem atingiu taxas insustentáveis devido aos ajustamentos estruturais impostos pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional (Rocco, Ballo, 2008). Tal desencadeou os protestos que levaram ao restabelecimento de um sistema multipartidário em 1990 e ao retorno de um número significativo de colonos urbanos às aldeias (Beauchemin, 1999 citado por Rocco, Ballo, 2008). Este fenómeno aumentou ainda mais a procura de terras e levou ao desemprego massificado em algumas das aldeias do sul da Costa do Marfim. Em função disto, passaram a existir grandes tensões entre nativos e não nativos conforme indicam Rocco, Ballo (2008).

Até ao estabelecimento desta crise, a Costa do Marfim tinha atingido uma certa prosperidade económica, o que fez com que milhares de imigrantes vindos do Burkina Faso e do Mali, países que fazem fronteira com a Costa do Marfim a norte, procurassem no país marfinense a garantia de uma melhor condição de vida. O fator imigração fez com que 1/3 da população da Costa do Marfim fosse composta por imigrantes, durante a década de 1990<sup>18</sup>.

Em função disto, e sustentado pela ideia nacionalista de “*Ivoirité*”<sup>19</sup>, Bedié<sup>20</sup> sugere que os imigrantes que estão instalados no Norte do país, grupo onde se encontrava o então candidato à presidência Alassane Ouattara, não eram costa-marfinenses, ameaçando assim os seus direitos às terras e os seus direitos no processo político. Ouattara efetivamente não era detentor da cidadania marfinense, e quando o seu pedido da cidadania marfinense foi rejeitado, o seu partido, maioritariamente composto pelos povos nortenhos, organizou um protesto que acabou na detenção dos seus dirigentes (Rocco, Ballo, 2008). A tensão no país costa-marfinense começava a atingir o seu ponto de exaltação máxima e a divisão entre os povos nortenhos e do resto do país era, por esta altura, cada vez mais evidente.

As políticas discriminatórias mantiveram-se um padrão na Costa do Marfim, apesar da mudança do regime, com Laurent Gbagbo a assumir a presidência do país. Gbagbo nada fez

---

<sup>18</sup> Saiba mais sobre o conflito na Costa do Marfim” disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/01/printable/060118\\_costadomarfimconflictogbagboonuebc.shtml](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/01/printable/060118_costadomarfimconflictogbagboonuebc.shtml)

<sup>19</sup> Marfinidade: Conceito nacionalista e xenófobo com o objetivo de dividir o povo entre cidadãos de primeira (costa-marfinenses) e de segunda (imigrantes/filhos de imigrantes) classe

<sup>20</sup> Presidente da Costa do Marfim de 1993 a 1999. Atualmente é presidente do Partido Democrata da Costa do Marfim.

para revogar as políticas discriminatórias e acendeu ainda mais as tensões em 2000, quando levou a cabo uma reforma agrária que privilegiava os povos localizados na zona ocidental, algo que não agradou aos países vizinhos, o Burkina Faso e o Mali, deteriorando ainda mais as relações diplomáticas com estes países (Rocco, Ballo, 2008). Vislumbrava-se o que seria o futuro próximo quando, em 2001, os soldados nortenhos, repatriados tanto para os países acima referidos, como para a Nigéria, tentaram um golpe militar (Rocco, Ballo, 2008). Este golpe teve como efeito prático a realização de um fórum de reconciliação nacional, de modo a reduzir as cada vez mais evidentes tensões, onde se prometeu um certificado de nacionalidade para Ouattara (Rocco, Ballo, 2008). No entanto, uma nova política de discriminação tem lugar ao exigir-se que os documentos necessários à identificação nacional tivessem de ser transferidos para as vilas dos nativos de modo a serem validados por uma comissão (Rocco, Ballo, 2008).

Esta nova política aumentou o risco de perda da cidadania e as vantagens correspondentes (propriedade da terra, empregos na administração pública, segurança social) para aqueles que não tinham uma aldeia de origem ou que tivessem de obter a cidadania através de um processo de naturalização, segundo informam Rocco, Ballo (2008). Esta situação ganhou contornos ainda mais graves quando, em 2002, o governo no poder afirmou que apenas os cidadãos que se pudessem identificar como tal, sob este novo protocolo, poderiam votar. Esta tomada de decisão resultou em que apenas 30% da população pudesse votar (Rocco, Ballo, 2008).

Deste modo, quando o governo de reconciliação nacional finalmente tomou posse, no início de agosto de 2002, o risco de confrontos era elevado, conforme indicam Rocco, Ballo (2008). Foi neste contexto que a maioria dos soldados que havia sido repatriada se juntaram às extropas Gueï<sup>21</sup> que se desmobilizavam e tentaram um golpe militar a 19 de setembro. O golpe falhou e Gueï foi executado, passando o motim a ser uma alargada rebelião armada cuja dimensão mudou rapidamente de 750 membros para cerca de 7.000 (Rocco, Ballo, 2008). Os autores afirmam que a escalação dos confrontos apenas dependia de três fatores: do grande apoio (que recebeu) da população residente nas regiões que controlavam, das vitórias iniciais sobre o exército nacional, e do apoio passivo dos países vizinhos.

A guerra teve o seu início quando os ex-soldados, privados da sua nacionalidade, tentaram restaurar a influência política dos povos nortenhos. Os mesmos, rapidamente conquistaram a metade-norte da Costa do Marfim e o avanço para a capital apenas foi parado pelas Forças

---

<sup>21</sup> Terceiro presidente da Costa do Marfim, perdeu as eleições para Gbagbo em 2000, mas não reconheceu a derrota.

Armadas Nacionais da Costa do Marfim, apoiadas pelas tropas francesas<sup>22</sup> (Rocco, Ballo, 2008). A guerra não ficou apenas restrita aos combatentes, tendo afetado frequentemente civis.

Vejamos agora a importância e a simbologia do futebol e do jogador africano para a comunidade, de modo a que se perceba o poder de Didier Drogba e as consequências das suas ações.

Autores como Njoroai (2014) ponderam sobre o facto das *Football Associations* em vários países africanos, terem uma presença informal, não sendo formalmente instituídas. No entanto, independentemente da falta de capacidade institucional, a modalidade em África é bastante popular, sendo possível argumentar que a mesma configura parte integral da identidade cultural do continente africano. O período em que grande parte da África estava sob domínio colonial testemunhou o lançamento das bases para o desenvolvimento do futebol. Alguns dos aspetos que contribuíram para o futebol ser abraçado com tamanha facilidade pelo povo africano, segundo Njoroai (2014), residem no facto de a modalidade ser um desporto sem grandes custos associados, na medida em que não requer nenhum equipamento particularmente especial, com a ausência de bolas especialmente construídas para a prática da modalidade, podendo ser facilmente substituída por bolas improvisadas, também pela oportunidade dada aos povos autóctones em participar e formar equipas, e ainda o facto de os campos de futebol servirem como um veículo para a liberdade simbólica e resistência à dominação externa.

A situação futebolística em África, devido ao contexto em que a vastíssima maioria do continente está envolvido – a falta de condições a nível de infraestruturas aliada à incapacidade das associações futebolísticas e à ausência de uma base de mérito para que os praticantes da modalidade possam triunfar –, faz com que os jogadores que efetivamente atingem sucesso sejam uma minoria muito reduzida. No entanto, Njoroai (2004) afirma que esta escassez de sucesso a nível internacional, criou uma situação onde a África como um todo se une como uma entidade, acabando por reclamar para o continente o sucesso, em vez de considerarem que os triunfos respeitam apenas a cada uma das nações africanas de forma independente e aos jogadores que de facto triunfaram. Para os jogadores africanos, a proliferação de eventos desportivos mediados, as garantias de uma melhoria salarial e um desenvolvimento muito mais trabalhado e sustentado das suas capacidades nos grandes centros futebolísticos mundiais, faz com que eles os procurem, emigrando e deixando o continente (Tiesler, Coelho, 2006)

---

<sup>22</sup> A Costa do Marfim é uma ex-colónia francesa, no entanto, as tropas francesas ficaram permanentemente numa base do país africano.

Künzler e Poli (2012) referem que o futebol é frequentemente objeto de representações iconográficas no espaço público africano. A simbologia e a importância que o jogador africano com sucesso possui na comunidade é significativa, uma vez que é amplamente usado como vetor na publicidade em muitos dos países africanos. Os pequenos empresários veem na popularidade dos jogadores de futebol um veículo para fomentar os próprios interesses comerciais, dando o nome de jogadores ou dos estádios onde estes atuam a espaços de o arranjo e corte de cabelo, cabeleireiros, bares e restaurante ("maquis"). Por isto, é possível detetar a admiração e o respeito gerado em torno dos jogadores de futebol mais populares, bem como as esperanças e aspirações que eles representam para o público africano em geral (Künzler, Poli, 2012).

Na Costa do Marfim em concreto, houve um jogador, mais do que qualquer outro, que funcionou como principal fomentador do imaginário social, Didier Drogba. Para se ter uma noção do impacto de Drogba no país, o termo 'Drogba' tornou-se um conceito que configura um sinónimo de "forte" na língua "nouchi"<sup>23</sup> (Künzler, Poli, 2012). Drogba, com todo o seu sucesso como um dos melhores futebolistas da história do futebol, estando na elite da elite do futebol africano e mundial, é para todo o continente, mas em especial para a Costa do Marfim, um herói, na medida em que representa o triunfo e o sucesso contra todas as probabilidades. Drogba sempre se manifestou como incentivador do desenvolvimento do seu país africano.

Vejamos agora o episódio que aqui procuramos salientar: como é que a seleção da Costa do Marfim, na representação visual de Didier Drogba, apaziguou e criou uma trégua temporária na Guerra Civil da Costa do Marfim.

Com a Guerra Civil a decorrer na Costa do Marfim, a seleção dos "Elefantes", disputava numa partida com o Sudão, a 8 de outubro de 2005, uma vaga no Campeonato do Mundo de Futebol de 2006, que se iria realizar na Alemanha<sup>24</sup>. Conjugado com o insucesso da seleção dos Camarões, a vitória por 3-1 sobre o país do nordeste africano permitiu à seleção da Costa do Marfim ir, pela primeira vez, a uma fase final de um campeonato do mundo. Quando o jogo termina, e já no balneário Drogba coloca-se no ângulo de visão de uma das câmaras presentes e, após um colega lhe ter sussurrado que era a altura de passar a mensagem, o jogador costamarfinense faz um apelo:

---

<sup>23</sup> Gíria marfinense baseada no francês.

<sup>24</sup> "Lado B da Copa: Drogba, o craque que mudou um país com um discurso de 76 segundos" disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/408379\\_lado-b-da-copa-drogba-o-craque-que-mudou-um-pais-com-um-discurso-de-76-segundos](http://www.espn.com.br/noticia/408379_lado-b-da-copa-drogba-o-craque-que-mudou-um-pais-com-um-discurso-de-76-segundos)

“Homens e mulheres da Costa do Marfim, do Norte, do Sul, do centro e do Oeste. Hoje provámos que todos os marfinenses podem coexistir e jogar juntos com um objetivo único: a qualificação para o Mundial. Prometemos-vos que a celebração ia unir o povo. Hoje, imploramos-vos, de joelhos: Perdoem! Perdoem! Perdoem! Um país em África com tanta riqueza não pode acabar em guerra. Por favor, guardem as armas. Organizem eleições. E tudo será melhor.”<sup>25</sup>

A guerra civil na Costa do Marfim, como já foi referido, começou a 19 de setembro de 2002 e arrastava-se desde então. O país estava dividido entre o norte e o sul, entre os rebeldes emigrantes e muçulmanos e o governo nacionalista. A “seleção dos elefantes”, sempre que correspondia a um compromisso internacional, estava rodeada de fortes mecanismos de segurança e os seus jogadores queriam que esses mecanismos de segurança acabassem, e acima de tudo, que o problema da Guerra Civil no país acabasse. O apuramento para o Mundial de Futebol de 2006 foi a oportunidade perfeita para o concretizar.

As palavras saíram instintivamente, como veio a garantir mais tarde o jogador costamarfinense A ideia-chave existia, mas não havia um discurso pensado. Drogba afirma: “No íntimo, queríamos que tudo parasse. Quando a Costa do Marfim joga, o país está unido. Pessoas que não falam umas com as outras, festejam juntas.”<sup>26</sup>

O apelo de Drogba sensibilizou o país e os lados em conflito para quem o mesmo era dirigido e em função do momento eufórico que a Costa do Marfim atravessava, retomaram-se as negociações de paz<sup>27</sup>. No entanto, as causas que estiveram na origem desta crise e da Guerra Civil estavam presentes no país africano há já vários anos e foram-se tornando cada vez mais sólidas, o que fez com que a paz total fosse algo difícil de almejar. Contudo, a influência de Drogba não parou por aqui.

O capitão dos “Elefantes” foi considerado o Jogador Africano do Ano, em 2006, devido à sua espetacular época no Chelsea FC, em Inglaterra, e aquando da exibição do prémio em Abidjan, a capital da Costa do Marfim, afirmou que “em junho, toda a seleção da Costa do

---

<sup>25</sup> “Drogba. O apelo de joelhos para acabar com a guerra civil” disponível em: <https://edesporto.com/drogba-o-apelo-de-joelhos-para-acabar-35643>

<sup>26</sup> “Drogba. O apelo de joelhos para acabar com a guerra civil” disponível em: <https://edesporto.com/drogba-o-apelo-de-joelhos-para-acabar-35643>

<sup>27</sup> “Drogba. O apelo de joelhos para acabar com a guerra civil” disponível em: <https://edesporto.com/drogba-o-apelo-de-joelhos-para-acabar-35643>

Marfim estaria em Bouaké para o jogo contra Madagáscar”<sup>28</sup> numa partida a contar para a qualificação da Taça das Nações Africanas, em 2008.

Esta afirmação por si só não afigura qualquer problema, contudo, é fulcral perceber que Bouaké era onde se encontrava o quartel general das forças rebeldes. A partida inicialmente estava prevista ser jogada em Abidjan, mas Drogba anunciou que não seria assim, e até ao dia de hoje não se sabe se teve autorização presidencial para o fazer<sup>29</sup>. No dia do jogo com Madagáscar, a seleção foi levada num tanque rebelde para um estádio completamente lotado. O presidente Laurent Gbagbo e o líder dos rebeldes, Guillaume Soro, dividiam a tribuna, lado a lado, num dia que se revelou histórico para a Costa do Marfim.

Figura 6- Didier Drogba após a partida em Bouaké com as tropas rebeldes a protegê-lo da invasão de campo dos adeptos radiantes pela vitória.



Fonte: <https://tinyurl.com/y7wbu853>

A seleção de Madagáscar não constituía nenhuma ameaça à seleção dos “Elefantes”, uma vez que esta era composta por alguns dos melhores futebolistas da sua geração e pelo grande jogador que era Drogba, ficando o resultado do jogo estabelecido em 5-0 com o construtor principal desta vitória a marcar o último golo. Drogba afirmou que “ver os dois líderes, lado a

<sup>28</sup> “Drogba calls for Ivorian peace” disponível em: <https://tinyurl.com/24r6y75>

<sup>29</sup> “The full story of how Didier Drogba helped end a civil war in Ivory Coast” disponível em: <https://citisportsonline.com/2020/05/06/the-full-story-of-how-didier-drogba-help-end-a-civil-war-in-ivory-coast/>

lado, durante o hino nacional foi muito especial. Senti que a Costa do Marfim tinha renascido”.<sup>30</sup>

Este momento representou a paz simbólica na Costa do Marfim, com o país a parar completamente o conflito e com o feito a ser reconhecido pelos *media* locais. A seleção mais talentosa que o país já tinha visto, composta por jogadores originários de todas as regiões do país, fazendo com que os seus feitos fossem percecionados como um feito da Costa do Marfim enquanto uma unidade. Em Bouaké onde a guerra tinha terminado simbolicamente e onde pela primeira vez os dois exércitos tinham coexistido sem conflito, Drogba assinava o último capítulo da sua batalha pela paz.

Figura 7- Manchete de um jornal desportivo da Costa do Marfim "A Reconciliação através do futebol: 5 golos para apagar 5 anos de guerra".



Fonte: <https://tinyurl.com/y7wbu853>

A Guerra Civil voltou à Costa do Marfim anos mais tarde, com uma escala muito menor em termos de violência e com muito menor duração, com Gbagbo, o principal responsável pela

<sup>30</sup> “Drogba. O apelo de joelhos para acabar com a guerra civil” disponível em: <https://edesporto.com/drogba-o-apelo-de-joelhos-para-acabar-35643>



mesma, a ser preso após a intervenção das forças internacionais e da ONU que reconheceram Ouattara como presidente<sup>31</sup>. Não obstante, Drogba e a seleção costa-marfinense tiveram um papel fundamental no apaziguamento das tensões existentes há décadas no país e na criação de uma trégua temporária. O futebol, na figura de Drogba e dos sucessos costa-marfinenses a nível internacional, mostrou-se, novamente, um mecanismo primordial na construção da união e da coesão do povo costa-marfinense como um só.

---

<sup>31</sup> “Drogba. O apelo de joelhos para acabar com a guerra civil” disponível em: <https://edesporto.com/drogba-o-apelo-de-joelhos-para-acabar-35643>



## Capítulo 2 - O futebol e a política externa

### 2.1 Impactos do desporto e do futebol na política externa

Começamos esta parte da dissertação por fazer uma breve distinção sobre aquilo que se pretende tratar neste capítulo face ao que se pretendeu tratar no capítulo anterior. O futebol, como foi nosso objetivo mostrar no capítulo anterior, tem a capacidade de unir e dividir uma sociedade ou um povo, mas não é, nem deve ser essa, a única característica central que se pode atribuir a esta modalidade desportiva. Nessa medida, o nosso objetivo para este capítulo é, ao longo do mesmo, analisar a possibilidade de o futebol assumir o papel de elemento central nas relações internacionais entre dois ou mais estados.

Deste modo, começaremos por abordar o uso do desporto como um instrumento político. Kumar (2014), afirma que “o belo corpo masculino” foi um símbolo importante em todos os movimentos fascistas europeus. Sustentado pela ideia de que o corpo humano refletia a mente, o exercício físico manifestou-se, no plano estético dos regimes fascistas, como um instrumento fulcral naquilo que seria a produção de um corpo esculpido sob a influência do modelo grego. Domingos (2004), considera que o interesse do poder pela prática desportiva foi determinado na última metade do século XIX, com o desporto a ser considerado um fator elementar para o apuramento da raça e para o florescimento das nações. O desporto nestes regimes, na visão de Drumond (2013) ganhará outra dimensão, a de um importante meio no reforço da coesão interna e na alavancagem do prestígio internacional, tanto a nível interno, como externo.

Nesta linha, Gaillard (2013) considera que os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, configuram uma das primeiras interações entre o desporto, a política e a diplomacia. Para o autor, o caso do atleta norte-americano Jesse Owens é extraordinário, na medida em que serve como um ponto focal, do ponto de vista político, deixando por demais evidentes as políticas raciais do Terceiro Reich. Owens foi um dos atletas mais medalhados nessa edição dos Jogos Olímpicos, e o facto de ser negro, constituiu um rude golpe na filosofia de Hitler (Serrado, 2008). No entanto, não é, apesar da dimensão, uma relação sem precedentes.

Para Serrado (2010), o desporto, e particularmente o futebol, foi manipulado por vários regimes para servir os desígnios dos mesmos. Tem-se como exemplo disso o fascismo italiano, onde Mussolini cria e estabelece uma política desportiva com intuito a afirmar a Itália no panorama desportivo e político. A candidatura do país mediterrâneo ao Mundial de Futebol de 1934 manifesta uma prova de superioridade e a assiduidade do *duce* nos jogos da liga italiana,

mais concretamente no estádio da S. S. Lazio, configura uma prova da importância dada por Mussolini ao futebol (Serrado, 2010). Gaillard (2013) considera que o regime de Mussolini usava a modalidade para efeitos propagandistas. Clubes como o A. C. Milan, cujos nomes originais eram em inglês, viram os mesmos a ter de ser “italianizados”, tal como alguns termos e conceitos próprios da modalidade<sup>32</sup>. Consideramos como prova incontornável da intenção de Mussolini, a alteração do nome do clube *Internazionale* de Milão, não só por causa do combate aos estrangeirismos, mas também por ser um nome que o regime considerava ideologicamente suspeito, devido à alusão à Internacional Comunista. A mudança ocorreu para Ambrosiana Inter, em referência ao santo padroeiro da cidade de Milão (Gaillard, 2013)

No caso espanhol, Serrado (2010) considera que há traços possíveis de serem identificados, na relação entre a modalidade futebolística e o regime franquista. A taça do campeonato nacional designar-se como Taça Generalíssimo e o facto do próprio General Franco utilizar, em plena guerra civil espanhola, o futebol como legitimação do seu poder, por intermédio de uma seleção nacionalista que representava a “verdadeira Espanha”. A Espanha teve o seu campeonato parado durante anos e os seus melhores jogadores deixaram de ser convocados em detrimentos de alguns militares das linhas da frente<sup>33</sup>.

Drumond (2013) considera que os modelos de intervenção estatal no campo desportivo da Itália de Mussolini e da Alemanha de Hitler tornaram-se os modelos a seguir, tendo sido adotados por diversos governos, no período entre guerras, que se aproximavam ideologicamente do fascismo, como é o caso da Espanha franquista e do Estado Novo português.

Consideramos estas relações entre o desporto, mais especificamente entre o futebol, e alguns dos regimes mais totalitários que vingaram no século XX como exercícios tanto de exaltação patriótica, como de propaganda ideológica. No entanto, surge a questão: será possível encontrar o mesmo tipo de relação entre a modalidade futebolística e o Estado Novo português? Se sim, em que moldes é possível fazê-lo? O futebol foi, para o Estado Novo um veículo propagandista a nível nacional, e principalmente, por ser encontrar âmbito desta dissertação, a nível internacional?

---

<sup>32</sup> Gaillard (2013) afirma que “pontapé de canto”, “penalti” ou “fora de jogo” foram termos que também sofreram essa alteração

<sup>33</sup> “Portugal-Espanha. “Franco! Franco! Franco! Salazar! Salazar! Salazar!” “ disponível em: <https://ionline.sapo.pt/artigo/615807/portugal-espanha-franco-franco-franco-salazar-salazar-salazar-?seccao=Desporto>

## **2.2 O desporto e o futebol no Estado Novo – O caso do S. L. Benfica e do Spartak de Moscovo**

Ao longo de todo o Estado Novo, o desporto assumiu uma função sempre preponderante, com a sua expressão máxima na Mocidade Portuguesa (MP) e também na Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT). Posteriormente, ocorre no âmbito do Ministério da Educação Nacional a criação da Direcção-Geral de Educação Física Desporto e Saúde Escolar, órgão estatal que regulava todo o desporto (Serrado, 2009).

Na doutrina salazarista, o desporto deveria contemplar uma função regeneradora, com o intuito de melhorar a condição física e mental dos seus praticantes. A modalidade que melhor servia este propósito era a ginástica (Domingos, 2004). Nessa medida, a prática da mesma era fortemente incentivada, até mesmo pela Federação Nacional para a Alegria no Trabalho, oferecendo várias aulas desta modalidade aos trabalhadores nos seus tempos livres. O principal propósito, segundo Lourenço (2015), seria também, para além da preparação física da classe operária portuguesa, a redução do descontentamento da mesma com as precárias condições de trabalho. Domingos (2004) já tinha apresentado esta interpretação ao sugerir que, de acordo com o defendido pelo regime salazarista, considerava-se que o trabalhador saudável e bem preparado produzia mais, configurando esse outro aspeto de interesse do poder pela prática desportiva.

A educação do corpo era uma componente da Reforma da Educação Nacional, conduzida em 1936 pelo ministro Carneiro Pacheco. A reforma educativa de 1936 criou um órgão técnico e consultivo centralizador da doutrina, a Junta Nacional de Educação, segundo Domingos (2009). A primeira das suas sete juntas especializadas, dedicada à Educação Moral e Física tinha como função “o estudo dos meios a empregar para a formação moral e cívica de homem português, bem como para a valorização da sua energia física, no espírito de devoção à Pátria”, afirma Domingos (2009). No início da década de 1940, o desporto assume um papel de “instrução” social no regime do Estado Novo. Para além da preparação do indivíduo fisicamente para o serviço militar e para a defesa da pátria e da nação, manifestou-se como um veículo para educar e disciplinar. Assumiu também a função de dotar o cidadão português de competências físicas e mentais para fortalecer a “raça” lusitana, conforme indica Serrado (2009).

No que respeita ao futebol, Pinheiro (2012) afirma que Salazar e o Estado Novo, não davam, no começo do regime ditatorial, uma importância especial à modalidade futebolística devido à desorganização estrutural e organizacional e falta de rumo no período pós-golpe

militar de 1926, sendo isso algo a que o regime e a política não pretendiam estar associados. O fenómeno futebolístico cresce em Portugal de forma sustentada e autónoma, sem qualquer ajuda do regime, sendo até possível identificar alturas em que o mesmo tentou conter esse crescimento, na medida em que a modalidade não era vista como uma digna representação do ideal estadonovista (Lourenço, 2015)

No entanto, há até aos dias de hoje uma ideia comumente presente em Portugal de que a modalidade foi sempre bastante instrumentalizada por Salazar e pelo seu regime para disseminar as suas ideias nacionalistas e de enaltecimento de raça (Serrado, 2010), talvez pela tomada de decisão de Salazar em declarar Eusébio da Silva Ferreira património do Estado, ao impedir que o futebolista aceitasse propostas milionárias de clubes italianos, ou talvez pelo facto de que Salazar, através do Benfica e dos seus êxitos e da Seleção Nacional e dos triunfos, celebrava e exaltava Portugal, a figura e obra portuguesa e o “povo português” (Serrado, 2010). Consideramos que existe efetivamente um período onde o futebol é mais utilizado como instrumento político, não achando verosímil que se possa generalizar e afirmar que foi ao longo de todo o regime de maneira perentória, uma vez que, como já referimos de maneira breve e iremos verificar com maior detalhe à frente, o maior foco desportivo do regime numa primeira fase recaía sobre a ginástica.

Durante uma parte considerável do regime estadonovista, até 1960, o futebol enquanto modalidade foi uma atividade bastante amadora (Lourenço, 2015). A profissionalização tardia aliada à cegueira ideológica onde o desporto era entendido como algo puro, e como tal tinha de ser amador, bem como a ausência de infraestruturas e condições que permitissem e estimulassem a prática desportiva, traduziam-se em exibições bastante pobres a nível internacional, com Portugal a ser derrotado e humilhado em jogos de seleção, algo que não contribuía para a afirmação de uma imagem positiva em termos internacionais, como seria pretendido pelo Estado.

A primeira relação de dimensão considerável entre o futebol e o regime remonta a 27 de novembro de 1937, num jogo particular entre Portugal e a Espanha. No seio da Guerra Civil de Espanha, os portugueses viajaram até Vigo, onde, pela primeira vez, triunfaram sobre uma equipa de falangistas de Franco (Lourenço, 2015). Os espanhóis, enfraquecidos devido ao facto do seu campeonato se encontrar interrompido desde 1935, foram uma presa acessível para o jogadores de Portugal, num dia em que o mais importante a retirar era o tom de celebração e exaltação dos dois regimes.

“Atrás da tribuna central dos Balaídos estão colocados dois enormes panos com os perfis de Salazar e Franco. Enquanto se executam os hinos, a multidão mantém-se de pé e de braço estendido, na tradicional saudação fascista. Os legionários portugueses gritam três vezes: “Salazar! Salazar! Salazar! Franco! Franco! Franco! Portugal! Portugal! Portugal! Espanha! Espanha! Espanha! Viva Portugal! Viva Espanha!”<sup>34</sup>

Este encontro de futebol entre Portugal e Espanha não foi um acontecimento isolado, tendo outra vez lugar, desta feita no Estádio Nacional do Jamor, em 1945, onde uma avioneta largou milhares de panfletos sobre as bancadas, deixando rasgados elogios à política de Salazar, em função da não entrada de Portugal na II Guerra Mundial (Ágoas, Gomes, 2011). Sobral (1996) contribui para a afirmação desta ideia ao afirmar que os triunfos do Benfica e da seleção portuguesa eram cantados nos jornais da época como feitos da “raça portuguesa”, e as recepções aos futebolistas, vistos como heróis, constituíam atos de verdadeira propaganda. Considera relevante também o comportamento da Seleção Nacional e do Benfica, equipa só de portugueses, metade dos quais nascidos em África, que era entendida como exemplo de uma nação una, do “Minho a Timor.” A seleção nacional portuguesa de futebol era, nesse sentido, um reflexo perfeito da ideologia que o regime pretendia difundir, representando em si a ideia do Império Português. Face à realidade e aos exemplos vindos do estrangeiro, era incontornável que a Seleção Nacional Portuguesa entrasse paulatinamente ao serviço da propaganda fascista dos anos 30, especialmente para reforçar a ideia de “Bloco Ibérico”, conforme indica Pinheiro (2012).

Sugerimos três aspetos que consideramos serem dignos de destaque nesta relação entre o futebol e o Estado Novo, o da inauguração do Estádio do Jamor, o da profissionalização tardia do futebol e, por fim, a política desportiva nas colónias. O primeiro configura uma inspiração do modelo de Mussolini e Hitler, onde estes discursavam em grandes eventos desportivos, usando os mesmos para veicular os seus ideais, como em 1934 e 1938, em Itália, e nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, onde são expostas as tentativas de valorização da “raça ariana” em detrimento das outras “raças inferiores” (Serrado, 2008), demonstrando a realização de exercícios de propaganda ideológica e exaltação patriótica por intermédio do futebol. O segundo contribui para entender melhor a noção que Salazar e o Estado Novo tinham do desporto e da modalidade futebolística, atrasando drasticamente o seu desenvolvimento em

---

<sup>34</sup> “Portugal-Espanha. “Franco! Franco! Franco! Salazar! Salazar! Salazar!” “ disponível em: <https://ionline.sapo.pt/artigo/615807/portugal-espanha-franco-franco-franco-salazar-salazar-salazar-?seccao=Desporto>

comparação, por exemplo, a outros países europeus. O terceiro, por fim, contribui para a dimensão de um Portugal composto pelo território nacional e pelos territórios coloniais, tornando-se pertinente perceber como foram as políticas desportivas do regime para com as colónias portuguesas.

Começamos pelo primeiro aspeto. Salazar, no contexto de uma Europa destroçada pela II Guerra Mundial e num país com uma crescente vaga de protestos sociais e políticos, decide inaugurar no, Vale do Jamor, o Estádio Nacional, na sequência de uma promessa que havia feito aos desportistas portugueses, segundo Kumar (2014). Os jornais nacionais da época anunciavam com pompa e circunstância o acontecimento, com manchetes como “A inauguração do estádio constitui uma grande afirmação nacional de otimismo, disciplina e beleza”<sup>35</sup>, ou “A inauguração do Estádio Nacional foi um espetáculo esmagador de emoção em que sessenta mil pessoas delirantes de entusiasmo patriótico aclamaram em apaixonada grita os chefes do estado e do governo, e cantaram em coro o hino nacional”<sup>36</sup>. O jornal *Diário da Manhã* intimamente ligado ao regime, conforme indica Serrado (2009), colocou a declaração de um atleta na sua manchete, escrevendo: “Salazar, obrigado! Devemos-te a Paz, a Alegria e o Futuro”<sup>37</sup>.

O Estádio Nacional, mais do que um símbolo desportivo, acabou por ser uma apoteose do “Portugal Novo” e do renascimento do governo sério e capaz da promessa e do cumprimento da mesma (Serrado, 2009). Manifestou-se neste dia, um “agradecimento apoteótico” e massificado de todo o país, mas principalmente de todo o desporto, pela construção do Estádio Nacional. É importante referir novamente que a II Guerra Mundial deixou profundas marcas na Europa, e que a construção de uma obra desta envergadura, num país pobre a nível de infraestruturas desportivas, configura um marco primordial, de enorme agitação, conforme indica Serrado (2009). É preciso atender ao facto de Portugal à época ser um país rural, onde a espetacularidade e o entretenimento não estavam de todos presentes, bem como eventos de massificação popular, portanto o ambiente era naturalmente de uma euforia sem precedentes. No entanto, Serrado (2009) aponta uma noção interessante tendo em conta a elevada taxa de salários muito baixos e a pobreza que existia, afirmando que para estas pessoas a construção do Estádio Nacional constituía uma afronta e uma arrogância sem precedentes.

---

<sup>35</sup> *Diário de Notícias*, 11 de junho de 1944.

<sup>36</sup> *O Século*, 11 de junho de 1944.

<sup>37</sup> *Diário da Manhã*, 11 de junho de 1944.



Pinheiro (2012) sugere que a inauguração de estádios eram cerimónias às quais o regime nunca faltou, tendo contribuído de uma maneira ou de outra para a sua construção, seja pela forma de investimento de capital ou de cedência de terrenos. A inauguração de estádios dotava a modalidade futebolística de infraestruturas essenciais à sua popularização e crescimento no âmbito desportivo e social, diz ainda o autor. A política salazarista, assim, reconhecia finalmente a componente social do futebol que foi crescendo paulatinamente até ao fim da primeira metade do século XX, ultrapassando a política a nível de envolvimento social (Pinheiro, 2012).

Sobre a ideia muito proclamada pelo regime da existência de uma nação una, remetendo para o espaço imperial, consideramo-la particularmente interessante dado o contexto colonial em que Portugal se encontrava. Sobre essa matéria, é pertinente a contribuição de Domingos (2011) sobre esta questão. Este autor afirma que o Estado colonial português criou organizações especializadas na promoção do desporto, com o poder colonial a seguir, assim, as políticas educativas impostas pelo Estado Novo. A nível político, a política ultramarina foi uma das vertentes da política portuguesa que mais beneficiou com o futebol, segundo Pinheiro (2012). A presença da ideia de nação, bem como a interpretação do seu interesse no cerne do discurso ideológico, incentivou as digressões das principais instituições desportivas da metrópole pelas colónias, sustentando assim a noção propagandística de uma nação una, conforme Pinheiro (2012).

Consideramos que o aparecimento de um “herói nacional”, ligado ao futebol, na figura de Eusébio da Silva Ferreira, contribuiu bastante para a unidade da nação uma vez que, segundo Cardão (2018), o “pantera negra”, nome pelo qual era conhecido, serviu para promover a mensagem política do regime e para fornecer um álibi para o colonialismo português. A contratação de Eusébio por parte do Sport Lisboa e Benfica foi um sinal claro do papel que o futebol desempenhou na atribuição da nacionalidade portuguesa aos jogadores africanos. Finalizada no final de 1960, a contratação foi marcada pela rivalidade entre o Sporting Clube de Portugal, o Sport Lisboa e Benfica e o Sporting Clube de Lourenço Marques, que tinha o jogador sob contrato (Cardão, 2018). Os órgãos oficiais de propaganda do Estado Novo usaram a notoriedade do “pantera negra”, para consolidar a postura ideológica do regime e banalizar a Guerra Colonial. Numa dessas campanhas, um elemento da vida pessoal de Eusébio, a sua inscrição no exército português, foi instrumentalizado de modo a divulgar a composição multirracial das Forças Armadas portuguesas (Cardão, 2018). Durante a Guerra Colonial, havia

muitas fotos na imprensa de jovens negros com o uniforme do Exército português, na tentativa de africanizar a imagem do exército português, afirma ainda este autor.

No que diz respeito à profissionalização, diz-nos Kumar (2014) que esta foi praticamente imposta pelos desportistas, tendo então o governo sido forçado, apesar de continuar a preferir o estatuto amadorista, a adotar medidas de profissionalização do futebol. Utilizado para moldar o indivíduo, o desporto na sua vertente amadora constituiu uma das maiores vontades do regime, uma vez que impunha aos seus praticantes uma perspetiva mais cívica, disciplinada e de educação, contrapondo assim a perspetiva de competição e a disputa entre dois ou mais participantes, considerando-se a outra parte como uma adversária (Serrado, 2008). É evidente, em função disto, que o regime era contra a profissionalização do desporto. Mais do que manifestar-se contra a profissionalização ou promover o amadorismo no desporto, o Estado Novo estava a “proibir liminarmente o profissionalismo e a instituir que a única forma de se praticar desporto, o verdadeiro meio para se poder chegar à sua pureza e à sua primacial função educativa, a única desejada pelo regime, é através do amadorismo” (Serrado, 2014: 369). A importância dada à ginástica, referida por Domingos (2004), verifica-se aqui, na medida em que a educação física seria mais valorizada e tida como apropriada aos desígnios do regime do que outras modalidades desportivas. Serrado (2014) afirma que todos os clubes na década de 1940 tinham de incluir a ginástica nos seus programas desportivos anuais.

É-nos então possível, com base no que foi apresentado, concluir que o futebol no Estado Novo constituiu um forte elemento na instrução social da população ao longo de todo o império, que serviu para preencher alguns dos desígnios políticos do regime, e que alguns dos agentes futebolísticos contribuíam para a divulgar a ideia da existência de uma nação, multirracial e com territórios dispersos pelo mundo, mas ainda assim, uma nação una. No entanto, consideramos pertinente percorrer um caminho que ainda não foi explorado com a profundidade que poderia ser. Nessa medida, o objetivo passará por tentar perceber se o futebol, neste caso na forma do Sport Lisboa e Benfica, constituiu a certa altura um aspeto central na política internacional do regime.

O caso que pretendemos abordar remonta a setembro de 1965, época em que o Benfica foi campeão da Taça dos Clubes Campeões Europeus, tratando-se de um episódio em que o clube benfiquista é proibido pelo regime salazarista de realizar dois jogos amigáveis com o Spartak de Moscovo. Este acontecimento ocorre na sequência de um convite feito ao Sport Lisboa e Benfica por parte dos soviéticos do Spartak de Moscovo, para a realização de dois jogos de

futebol amigáveis a disputarem-se em Lisboa e na Rússia, convite esse ao qual o clube lisboeta respondeu de maneira positiva, conforme alguns dos maiores jornais da época, de maior circulação, como *Diário de Notícias* e o *Diário de Lisboa* informavam.

Por se tratar de jogos amigáveis, os lisboetas iriam receber um pagamento na ordem dos 4000 contos, cerca de 20.000 euros na moeda atual. Tratava-se de um valor muito elevado para a época e, por isso, dificilmente poderia ser recusado. Conforme adiantava o *Diário de Notícias*, no dia 4 de setembro de 1965, estes jogos configuravam uma hipótese pioneira de abrir o fluxo turístico entre os dois países. Os dirigentes de ambos os clubes estabeleceram os contactos necessários para a concretização das digressões, sendo que o representante do Benfica nesta reunião era Albino André, diretor da agência de viagens “Tourexpress”, que tratava das questões relativas aos passaportes e aos necessários vistos para países situados do outro lado da “cortina de ferro”. As reuniões decorreram com normalidade e celeridade e, com tudo praticamente estabelecido, faltaria apenas ultimar poucos detalhes para decidir em que dia iria ocorrer o jogo em Lisboa. Como data provável é aventado o mês de novembro de 1965, enquanto que o Spartak de Moscovo acabaria por receber o Benfica em maio de 1966, no Estádio Lenine<sup>38</sup>.

Face à conjuntura política da época, o dirigente do Benfica advertiu imediatamente os russos de que tudo ficaria dependente de uma autorização superior, referindo-se à necessidade de aprovação governamental para a digressão. Em declarações ao *Diário de Notícias*, Alberto Miguéns, investigador da história do Benfica na altura deste episódio, afirma que a direção já sabia que as partidas não se iriam realizar devido à inflexibilidade por parte das autoridades do regime<sup>39</sup>. Esta notícia, assim como a de um intercâmbio cultural no qual estariam incluídas atuações da fadista Amália Rodrigues e do Grupo Folclórico de Pauliteiros de Miranda na capital soviética, despertou imediatamente a atenção da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), que abriu com imediata urgência um inquérito de modo a perceber concretamente aquilo que estava a acontecer<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> *Diário de Lisboa*, 6 de setembro de 1965.

<sup>39</sup> “Quando Salazar proibiu o Benfica de Eusébio de ir à Rússia “ disponível em: <https://www.dn.pt/desportos/quando-salazar-proibiu-o-benfica-de-eusebio-de-ir-a-russia-11355430.html>

<sup>40</sup> “Quando Salazar proibiu o Benfica de Eusébio de ir à Rússia “ disponível em: <https://www.dn.pt/desportos/quando-salazar-proibiu-o-benfica-de-eusebio-de-ir-a-russia-11355430.html>

O Benfica era então o maior clube do país, nomeadamente a nível de massa associativa que possuía, e qualquer notícia ou controvérsia que envolvessem as “Águias” era inevitavelmente elemento de destaque nacional, daí a ainda maior delicadeza deste assunto que, mesmo que envolvesse um clube com um impacto social menor seria igualmente um caso delicado. A decisão do Ministério dos Negócios Estrangeiros, liderado na altura por Franco Nogueira, com a contribuição decisiva de António de Oliveira Salazar, foi célere e de imediato comunicada ao Benfica, no dia 6 de setembro: os “encarnados” estavam proibidos de fazer essa digressão<sup>41</sup>. Face a esta decisão governamental, o Sport Lisboa e Benfica através de um comunicado, acabou por importunar e, de certo modo, desafiar o regime. Desse comunicado, destacamos a alínea c) “O Benfica continua interessado em manter intercambio desportivo com clubes de todo o Mundo e não tem quaisquer razões para pensar que seja considerada impossível, pelas competentes autoridades portuguesas, a realização de um encontro de futebol entre a sua equipa e a de um clube russo”<sup>42</sup>. Trata-se de um exercício de importunação ao regime, quando o mesmo tinha proibido a digressão do clube. Com esta tomada de decisão e com o lançamento do comunicado onde o clube manifesta o universalismo e pluralismo presente nos seus estatutos e atividades, o Benfica acabou por se demarcar do regime.

Consideramos importante para enriquecer esta ideia recorrer à leitura e interpretação do acompanhamento deste episódio por intermédio de alguns dos mais importantes jornais da época, onde é possível identificar diferentes versões daquilo que foi o ocorrido. Antes de o fazer, realizaremos apenas uma breve apresentação dos mesmos. Relembramos ainda que, na data em que este episódio ocorre, a imprensa portuguesa era alvo de censura prévia onde a mesma impedia os órgãos de comunicação social de divulgarem notícias ou comentários tidos como impróprios pelo regime, que tinha os seus próprios meios de verificação.

Recorreremos ao *Diário de Lisboa*, um jornal diário vespertino, publicado em Lisboa, fundado pelo banqueiro António Vieira Pinto, em 1921, tendo a sua extinção sido registada em 1990. À data de setembro 1965 o seu editor era Adolfo Norberto Lopes. Também recorreremos ao jornal *O Século*, um jornal diário matutino, também de Lisboa, que tem o início das suas publicações registado em 1880 e o fim das mesmas em 1977, ano em que foi suspenso; o seu diretor em setembro de 1965 era Guilherme Pereira da Rosa. Ainda considerámos pertinente a

---

<sup>41</sup> “Quando Salazar proibiu o Benfica de Eusébio de ir à Rússia “ disponível em: <https://www.dn.pt/desportos/quando-salazar-proibiu-o-benfica-de-eusebio-de-ir-a-russia-11355430.html>

<sup>42</sup> Comunicado disponível na edição de 8 de setembro de 1965 dos jornais *O Século*, *Diário de Notícias*, *Diário da Manhã* e *Diário de Lisboa*

utilização do jornal emblemático *Diário de Notícias*, um jornal matutino sediado em Lisboa, que teve a sua fundação em 1864 e que dura até aos dias de hoje, onde é um dos jornais de referência em Portugal. O diretor do jornal em setembro de 1965 era Augusto de Castro, figura sintonizada com o regime salazarista, o que fez com que o jornal refletisse fielmente as orientações governamentais, sendo subserviente face ao mesmo. Por fim, considerámos pertinente recorrer também a um jornal comumente conhecido como o “jornal do regime”, o *Diário da Manhã*, para perceber como é que nessa qualidade, o jornal abordou e expôs este episódio. O *Diário da Manhã* era um jornal de ideologicamente conotado com o regime, sediado em Lisboa, e era o órgão oficial da União Nacional, tendo o seu primeiro número sido publicado em 1931. Durou até 1971, onde depois se fundiu ao jornal *A Voz* para dar origem ao jornal *A Época*. Pela sua direção passam figuras como Domingos Garcia Pulido, António da Fonseca e Barradas de Oliveira.

Assim, o *Diário de Lisboa* anuncia no dia 4 de setembro de 1965 que o Benfica recebeu um convite dos dirigentes da equipa de futebol do Spartak de Moscovo para disputar duas partidas de futebol amigáveis, uma na Rússia e outra em Portugal, onde se estimava que o clube da Luz recebesse cerca de 4000 contos considerando os lucros de bilheteira que seriam concretizados. Mais informa que seria autorizado que um avião português aterrasse na Rússia, caso necessário, e que o Benfica já havia aceitado o convite dos russos. Na mesma linha, o *Diário de Notícias*, também no dia 4 de setembro de 1965, informa que o Benfica vai à Rússia e que o Spartak vem a Lisboa, segundo as informações de Albino André, diretor da agência de viagens “Tourexpress”, que tratava das questões de passaportes e de vistos para países situados para além da “cortina de ferro”.

O *O Século*, em contrapartida, no dia 5 de setembro de 1965 informa que, após contactar os dirigentes dos campeões nacionais, o Benfica não recebera qualquer convite para ir à Rússia, ao contrário da notícia que andaria a circular já no dia anterior, e que, caso alguma proposta viesse a ser posteriormente apresentada, a mesma teria que ter a “indispensável autorização das autoridades oficiais para a efetuação do jogo”<sup>43</sup>.

No dia 6 de setembro de 1965, contrapondo a informação do jornal *O Século*, uma das manchetes do *Diário de Notícias* é perentória: “O Benfica na Rússia: O clube português atuará possivelmente em maio ou outubro de 1966 – declara ao *Diário de Notícias* o chefe do departamento de futebol do Benfica”. Na página 6, aprofunda a notícia da manchete e relata o

---

<sup>43</sup> *O Século*, 5 de setembro de 1965.

que Gastão Silva, diretor do departamento futebolístico do Benfica, disse aos jornalistas. Destacamos as seguintes declarações de Gastão Silva ao *Diário de Notícias*:

“O Sr. Albino André, nos contactos que já teve com os dirigentes do clube Spartak de Moscovo, atuou como delegado autorizado pelo Benfica. (...) O caso ficará oficializado na reunião ordinária da próxima terça-feira (dia 7 de setembro), mas como havia urgência especial – o delegado vai partir imediatamente para a viagem a Moscovo – tudo teve de ser feito com rapidez”<sup>44</sup>

Conclui-se com esta notícia, e com as declarações de Gastão Silva, que a digressão à Rússia e a receção ao Spartak de Moscovo estava efetivamente nos planos desportivos do Sport Lisboa e Benfica e que a mesma estaria praticamente acordada, apenas pendente de uns últimos ajustes para que se pudesse tornar oficial.

Também no dia 6 de setembro, o *Diário de Lisboa* avança com a informação da presença do Benfica no Estádio Lenine no dia 8 de maio de 1966, e com a receção aos russos a ocorrer no dia 10 de novembro de 1965, datas que deveriam ser as estipuladas por Albino André e pelos altos dirigentes do Spartak de Moscovo aquando da viagem de Albino André à Rússia. É possível ainda encontrar na notícia que seriam disponibilizados 100 rublos a cada membro da delegação benfiquista para cobrir “eventuais despesas”, cortesia que seria devolvida aos elementos da delegação do Spartak de Moscovo, na forma de 100 dólares diários para cada um.

Não havendo quaisquer novidades sabidas sobre os jogos entre o Benfica e o Spartak de Moscovo, uma vez que a única coisa que restava era ultimar alguns detalhes para oficializar os jogos, o assunto não é alvo da atenção dos jornais no dia 7 de setembro, apesar de nesse dia ocorrer uma reunião ordinária da direção do clube benfiquista.

No dia 8 de setembro de 1965 foi um dia praticamente homogéneo no que ao noticiar da atualidade desportiva diz respeito, nomeadamente sobre esta matéria em particular: todos os jornais avançaram com o cancelamento dos jogos por parte do Benfica, expondo o comunicado realizado pelo clube lisboeta. Tanto o *O Século*, como o *Diário de Notícias*, o *Diário de Lisboa* ou o *Diário da Manhã* colocaram exclusivamente o comunicado da direção do Benfica após terem informado – não todos, ainda assim – que a mesma esteve reunida no dia anterior em sessão ordinária a discutir tanto este, como outros assuntos de carácter rotineiro. O *Diário da Manhã*, por sua vez, nunca refere em edições anteriores que foram propostos ao Benfica, por um clube russo, dois jogos amigáveis, um em Portugal e um na Rússia, mas publica no início

---

<sup>44</sup> *Diário de Notícias*, 6 de setembro de 1965.

da sua secção desportiva o comunicado do Benfica onde é possível ver o cancelamento da digressão por parte do clube.

Será importante ter em conta vários aspetos nesta situação. Em primeiro lugar, o regime salazarista proíbe o Benfica de ir jogar à União Soviética por dois motivos: em primeiro, não fazia parte das pretensões do regime estar ligado, por intermédio de jogos amigáveis, a um regime comunista. O Estado Novo afirmava-se como um regime anticomunista, e a decisão dos dirigentes do Benfica causou alguma perplexidade em função disso, uma vez que não fazia sentido, na ótica do regime, que o maior e mais conceituado clube português quisesse estabelecer qualquer tipo de relação, ainda que desportiva, com um clube de um país com o qual Portugal não tinha qualquer tipo de relação diplomática e proximidade ideológica. Também consideramos importante destacar que a questão colonial está presente no interesse e na decisão do regime no que diz respeito à proibição dos jogos, na medida em que a União Soviética se manifestava contra o colonialismo e contra os ideais colonialistas enquanto que Portugal se encontrava em plena guerra colonial. Ambos os aspetos contribuíram e tiveram papéis-chave para que a proibição dos jogos acontecesse, ainda que se tratasse única e exclusivamente de jogos amigáveis.

Em segundo lugar, a questão de o jogo ser amigável é, também por si, interessante. Anos antes, o Benfica tinha feito um jogo com o Zenit de São Petersburgo a contar para uma competição internacional<sup>45</sup>, onde não houve qualquer tipo de inibição por parte do regime salazarista à realização do mesmo. Este facto transmite a noção de que para o regime, os clubes portugueses, mas principalmente o Benfica, serviam como um mecanismo de propaganda, na medida em que nos jogos importantes – onde havia um palco em que era possível demonstrar a qualidade futebolística existente em Portugal, devido à sua montra internacional com visualização massiva – não se colocava qualquer problema ideológico ou político que impedisse a sua realização, uma vez que a proibição de um jogo dentro de um quadro competitivo internacional, traria sanções competitivas e, conseqüentemente, uma má imagem do clube e principalmente do regime por o proibir. No entanto, como em jogos amigáveis não existe uma obrigatoriedade na realização dos mesmos, o regime interveio, registando apenas perdas para o Benfica e para os seus jogadores, não se registando qualquer penalização a nível competitivo e no prestígio internacional de Portugal e do regime salazarista.

---

<sup>45</sup> Torneio de Bolonha. *Diário de Lisboa*, 4 de setembro de 1965.

Também consideramos pertinente destacar o facto de os clubes nacionais, neste caso particular o Benfica, serem órgãos de regulamentação independente, onde toda a gestão desportiva e financeira dos mesmos era completamente alheia ao Estado. A proibição do regime interfere diretamente com a gestão desportiva do clube – e até financeira se se atentar ao facto de que o Benfica iria receber 4000 contos para disputar os jogos em questão –, o que é inusitado. Há uma exacerbação de poder e uma demonstração do mesmo de forma clara e evidente em impedir, por motivos completamente alheios ao clube, que o mesmo pudesse realizar os jogos, de modo a que Portugal e o regime português não ficassem com uma reputação de “conivência” com o regime comunista da União Soviética, quer por ser completamente antitético na sua base ideológica em comparação com o regime salazarista, quer por ser um regime mal conotado pela grande parte dos estados da Europa que, na altura, se desmarcavam de uma maneira clara do que se estava a passar na União Soviética.

Ainda é possível tirar conclusões interessantes sobre a leitura dos jornais da época. Consideramos pertinente, para além do conteúdo das notícias, destacar a dimensão das mesmas nas edições do dia 8 de setembro de 1965. Se as notícias anteriores, ao darem a informação de que o Benfica e o Spartak de Moscovo iriam ter dois jogos amigáveis, existiam na forma de manchetes ou ocupavam uma parte significativa da componente desportiva das edições em que surgiram, ao dar a informação contrária constatamos que isso não se verificou de todo, tendo o comunicado do Benfica mesmo aparecido da maneira mais despercebida possível e sem qualquer tipo de enquadramento ou contexto a si anexado. A decisão unânime em todos os jornais consultados em não dar grande visibilidade e notoriedade a esta informação configura certamente uma intervenção direta do regime na edição dos mesmos, uma vez que consideramos que esta questão para o regime, deveria passar da maneira mais escamoteada e despercebida possível.

Tecemos ainda a consideração de que o regime salazarista foi apanhado de surpresa com a decisão do Benfica em aceitar o convite e, em particular, com o destaque dado ao acontecimento nas notícias dos jornais, devido à inexperiência e possível surpresa em lidar com esta tipo de informação por parte dos seus órgãos de censura. Com a censura prévia a ser aplicada na imprensa nacional, não é fácil perceber a perplexidade que a notícia da aceitação do convite por parte do Benfica causou no regime. O facto de se abrir um inquérito com urgência para perceber o que se estava a passar e em apenas quatro dias toda a questão ter sido abortada e ter sido exposta nos jornais de forma muito discreta é indicativo do pânico e da pressa do regime em



ultrapassar esta questão que poderia ter colocado em causa a posição de Portugal na cena internacional.

### **2.3 O futebol como catalisador no conflito armado entre dois estados: o caso de El Salvador e das Honduras**

Consideramos importante, antes de analisar o papel do futebol no conflito entre El Salvador e as Honduras, explicar o contexto em que o mesmo surge, uma vez que, como já referimos, as tensões neste caso não foram criadas pelo futebol, mas apenas por ele potenciadas.

Desta forma, o mau relacionamento bilateral entre os dois países da América Central acentua-se quando, no início do mês dos jogos, em Julho, o governo hondurenho decide começar a expulsar os cidadãos salvadorenhos do país, centenas de cada vez, tornando-se depois milhares, sustentados pelo motivo de que eles não serem hondurenhos<sup>46</sup>. O grande número de salvadorenhos nas Honduras é explicado tendo em conta vários fatores.

El Salvador, a nível geográfico, não é um país com uma particular e interessante posição. É a menor e a mais povoada de todas as nações da região centro-americana, e estava constantemente sob pressão, tanto pela Guatemala que tem maior dimensão, como pelas Honduras, que tem ainda maior dimensão do que a Guatemala<sup>47</sup>. A escassez de terrenos agrícolas em El Salvador era muito maior do que nas Honduras, e os terrenos eram controlados por uma elite latifundiária rica que, durante praticamente um século, disse aos agricultores mais pobres do país que eles não eram bem-vindos. El Salvador tinha uma população de cerca de 3 milhões de habitantes em 1969<sup>48</sup>. Por sua vez, as Honduras, embora também dominadas por uma elite semelhante do ponto de vista socioeconómico, tinham cinco vezes o tamanho de El Salvador: na época não atingia 2,3 milhões de habitantes<sup>49</sup>.

---

<sup>46</sup> “Soccer. War. Nothing More.” disponível em: <https://www.si.com/soccer/2019/06/03/football-war-honduras-el-salvador>

<sup>47</sup> “Soccer. War. Nothing More.” disponível em: <https://www.si.com/soccer/2019/06/03/football-war-honduras-el-salvador>

<sup>48</sup> “La guerra del fútbol: Honduras-El Salvador, el partido que detonó un conflicto que dejó más de 3000 muertos“ disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/deportes/futbol/la-guerra-del-futbol-honduras-el-salvador-partido-nid2262216>

<sup>49</sup> “La guerra del fútbol: Honduras-El Salvador, el partido que detonó un conflicto que dejó más de 3000 muertos“ disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/deportes/futbol/la-guerra-del-futbol-honduras-el-salvador-partido-nid2262216>

Em função de tudo isto, durante uma parte considerável do século XX, registou-se uma emigração de milhares de salvadorenhos para as Honduras, com o objetivo de aproveitar as terras disponíveis e também para trabalhar nas empresas norte-americanas que tinham atividade no país. Cerca de 300.000 salvadorenhos viviam nas Honduras na época em que se registou o início dos conflitos<sup>50</sup>. A América Central já não era por natureza uma região estável, e esta tomada de decisão do governo hondurenho fez tremer as relações entre os dois países.

A elite latifundiária em El Salvador era a principal promotora desta migração em massa, uma vez que tinha como objetivo aliviar a pressão sobre a propriedade agrícola e os pedidos de redistribuição das terras. Devido à massificação, os emigrantes suscitaram sentimentos de intolerância por parte dos camponeses hondurenhos que, simultaneamente, lutavam pelo acesso às terras do seu país contra os proprietários agrícolas da elite hondurenha.

Como resposta a esta situação, o governo das Honduras aprovou uma reforma agrária para evitar novas tensões e atenuar as existentes<sup>51</sup>. No entanto, a reforma manifestou-se um problema, na medida em que se não se concentrava nas terras da elite de proprietários e nas empresas americanas, mas nas terras dos emigrantes de El Salvador<sup>52</sup>. O então presidente das Honduras, Oswaldo López Arellano, começou a deportar os emigrantes de El Salvador que habitavam no seu país. Por sua vez, o governo do presidente salvadoreno, Fidel Sánchez, tentou lidar com o retorno massificado dos emigrantes, enquanto a elite latifundiária tomou a decisão de pressionar o governo para agir militarmente. As tensões escalaram drasticamente e, por esta altura, os *media* hondurenhos começaram a publicar reportagens sobre a perseguição aos salvadorenhos, incluindo testemunhos de violações e assassinatos<sup>53</sup>. No âmbito destas tensões, surgem os três jogos de futebol a contar para a qualificação para o Mundial de Futebol de 1970, que seria realizado no México, tendo o primeiro jogo da qualificação sido realizado apenas seis dias após a primeira vaga de expulsões dos emigrantes de El Salvador<sup>54</sup>.

---

<sup>50</sup> “La guerra del fútbol: Honduras-El Salvador, el partido que detonó un conflicto que dejó más de 3000 muertos“ disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/deportes/futbol/la-guerra-del-futbol-honduras-el-salvador-partido-nid2262216>

<sup>51</sup> Honduras v El Salvador: The football match that kicked off a war” disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-48673853>

<sup>52</sup> Honduras v El Salvador: The football match that kicked off a war” disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-48673853>

<sup>53</sup> “La guerra del fútbol: Honduras-El Salvador, el partido que detonó un conflicto que dejó más de 3000 muertos“ disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/deportes/futbol/la-guerra-del-futbol-honduras-el-salvador-partido-nid2262216>

<sup>54</sup> “Soccer. War. Nothing More.” disponível em: <https://www.si.com/soccer/2019/06/03/football-war-honduras-el-salvador>

“No plano político estavam a acontecer coisas muito mais importantes. Mas, por coincidência, ter de disputar aqueles três jogos a contar para a qualificação do Mundial de 1970 não ajudou em nada. Aqui (na América Central) o futebol é vivido de forma muito apaixonada.”, afirmou Ricardo Otero, jornalista da cadeia Univision, sobre toda a crise existente<sup>55</sup>.

A série de jogos entre El Salvador e as Honduras não contemplava inicialmente três partidas. Estavam estipulados dois jogos entre as duas seleções, onde quem obtivesse um resultado conjunto melhor, ficaria com a vaga para o Campeonato do Mundo de 1970, sendo a terceira apenas necessária em caso de igualdade, o que acabou por se verificar efetivamente. A primeira partida encerrou-se com uma vitória para o lado hondurenho, com as Honduras a ganharem por 1-0 à seleção salvadorenha, num jogo que ficou marcado pelos confrontos violentos entre adeptos das duas seleções antes, durante, e depois do jogo<sup>56</sup>, muito devido à expulsão de emigrantes, como já referimos.

Tratando-se de uma qualificação, os jogos disputavam-se nos campos dos intervenientes. O primeiro, nas Honduras, e o segundo em El Salvador. Surgia então, no jogo 2, a oportunidade do país salvadorenho em dar uma resposta, aproveitando a partida de futebol, aquilo que haviam sido as políticas recentes do governo das Honduras, consideradas como insultuosas para os cidadãos de El Salvador. Essa resposta efetivou-se, traduzindo-se numa vitória contundente por 3-0, num jogo onde a violência e a confusão voltaram a estar presentes dos dois lados<sup>57</sup>. Esta vitória igualava a conseguida pelas Honduras em sua casa, o que daria lugar a um terceiro jogo para decidir quem ocuparia a vaga no Campeonato do Mundo de Futebol de 1970, desta vez a acontecer em campo neutro, na Cidade do México. A questão com as deportações ia-se agravando por esta altura e configurava-se cada vez mais dramática, uma vez que não havia espaço territorial para albergar tantas pessoas – o que as fez emigrar em primeiro lugar. O ministro do Interior de El Salvador, Francisco José Guerrero, afirmou que perto de 12 mil salvadorenhos deixaram as Honduras depois do segundo jogo, com o jornal britânico *The Guardian* a relatar que o ministro alegou ainda "uma suposta perseguição... decorrente de um

---

<sup>55</sup> “La guerra del fútbol: Honduras-El Salvador, el partido que detonó un conflicto que dejó más de 3000 muertos“ disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/deportes/futbol/la-guerra-del-futbol-honduras-el-salvador-partido-nid2262216>

<sup>56</sup> “Soccer. War. Nothing More.” disponível em: <https://www.si.com/soccer/2019/06/03/football-war-honduras-el-salvador>

<sup>57</sup> Honduras v El Salvador: The football match that kicked off a war” disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-48673853>

jogo internacional de futebol"<sup>58</sup>. Este agravamento do quadro das deportações levou El Salvador a agir diplomaticamente, traduzindo a sua revolta num corte de relações diplomáticas com as Honduras, precisamente no dia 27 de junho, dia do jogo decisivo<sup>59</sup>.

Figura 8- Capa de um jornal brasileiro no dia após o terceiro jogo entre El Salvador e as Honduras



Fonte: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/a-guerra-do-futebol-completa-50-anos-mas-sera-que-o-futebol-provocou-mesmo-uma-guerra.ghtml>

Consideramos importante referir o surgimento de uma questão de “defesa da honra” associada a toda esta questão. Se efetivamente a guerra não começou devido ao futebol, premissa que se verifica, não é possível negar que a modalidade não só surgiu como um catalisador das tensões já existentes, mas também como um mecanismo para ambos os países, por intermédio das suas seleções, defenderem aquilo que consideravam ser o orgulho nacional e sobreporem-se um ao outro. Especialmente El Salvador, que se encontrava numa posição muito mais vulnerável do ponto de vista social, via nesta qualificação uma oportunidade de carimbar uma “chancela de superioridade” sobre o país que havia deportado os seus cidadãos.

<sup>58</sup> Honduras v El Salvador: The football match that kicked off a war” disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-48673853>

<sup>59</sup> “Soccer. War. Nothing More.” disponível em: <https://www.si.com/soccer/2019/06/03/football-war-honduras-el-salvador>

A nível futebolístico, a seleção salvadorenha era muito mais talentosa e tinha muito mais capacidade e qualidade individual do que a seleção das Honduras, o que fez com que se adiantasse rapidamente no marcador, fazendo o 1-0, golo que desnorteou completamente os hondurenhos. A pressão de um jogo decisivo para a qualificação de uma fase final de um Campeonato do Mundo de Futebol já é imensurável, mais ainda sob as tensões eruptivas em que ambos os países se encontravam. No entanto, rapidamente conseguiram organizar-se e empatar a eliminatória, fazendo o 1-1 nem com 30 minutos de jogo realizados. El Salvador voltou a colocar-se na frente do marcador, com as Honduras a responderem com mais um golo que empatava a partida e mandava-a para o prolongamento com 2-2 no marcador.

A forte de vontade demonstrada por El Salvador era imbatível, e mais forte se tornou quando as Honduras ficaram privadas do seu melhor jogador que havia saído devido a lesão e com as intervenções fulcrais do seu guarda-redes que mantiveram o jogo empatado. Nesse momento, a seleção salvadorenha teve em mente os cidadãos que estavam a ser expulsos das Honduras, e os seus jogadores diziam “Temos de ganhar. Temos de ganhar.” uns aos outros, recorda Monge<sup>60</sup>.

A vitória efetivamente apareceu no prolongamento, com o marcador da partida decisiva a ser encerrado em 3-2 e com El Salvador a qualificar-se para a fase final do Campeonato do Mundo de Futebol de 1970. Para além da vitória de El Salvador, era importante para a imprensa local destacar a derrota das Honduras. Tem-se como exemplo disso o jornal salvadorenho La Prensa Gráfica que foi perentório ao colocar na sua manchete: “HONDURAS ELIMINADO”, preferindo uma abordagem que expusesse a derrota do país inimigo, do que uma que privilegiasse o feito de El Salvador<sup>61</sup>.

Ainda que os jogadores de ambas as seleções não tivessem em si presente nada mais do que a rivalidade inerente a uma competição saudável e à disputa de uma vaga numa fase final de um Campeonato do Mundo e a vontade de defender o orgulho das suas nações, segundo as declarações dos mesmos<sup>62</sup>, a realidade é que fora de campo a situação de El Salvador e das Honduras encontrava-se num quadro de grande desentendimento por esta altura, tanto no plano político, como do ponto de vista social. Após a vitória de El Salvador, o país ordena, no dia 14

---

<sup>60</sup> “Soccer. War. Nothing More.” disponível em: <https://www.si.com/soccer/2019/06/03/football-war-honduras-el-salvador>

<sup>61</sup> “Soccer. War. Nothing More.” disponível em: <https://www.si.com/soccer/2019/06/03/football-war-honduras-el-salvador>

<sup>62</sup> “Honduras v El Salvador: The football match that kicked off a war” disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-48673853>

de julho, às suas forças militares de invadirem as Honduras e de bombardearem o país vizinho por via aérea<sup>63</sup>, sendo que desde o dia 12 já se tinham verificado conflitos entre as duas frentes militares, com os hondurenhos a afirmarem que as tropas de El Salvador haviam morto pessoas no território das Honduras (S.A, 2009).

Após a intervenção da Organização dos Estados Americanos, a intensidade da Guerra e as investidas de ambos os lados decresceram drasticamente no dia 18 de julho, quatro dias após a mesma ter começado, sendo que as tropas de El Salvador apenas começaram a retirar definitivamente do território das Honduras no dia 30 do mesmo mês, apenas 16 dias depois de o terem invadido (S.A, 2009). Estima-se que entre os tumultos e a guerra faleceram 2000 pessoas e estabeleceram-se entre 30000 a 100000 refugiados, a maior parte dos quais pertencentes a El Salvador (S.A 2009). A nível económico a guerra também teve um peso significativo, uma vez que ocorreu entre dois países relativamente pequenos e pobres. Os dois países, apesar da guerra ter sido praticamente terminada quatro dias após o seu começo, mantiveram as relações bilaterais cortadas durante largos anos, com o comércio a não ser reatado e com a fronteira a permanecer-se fechada durante esse período<sup>64</sup>.

Consideramos a premissa de que a guerra entre estes dois estados se deve exclusivamente ao futebol algo ambiciosa e talvez rebuscada, tendo em consideração aquilo que era a conjuntura política, social e diplomática vivida entre El Salvador e as Honduras em anos anteriores a 1969. Esta ideia torna-se evidente por intermédio das declarações de alguns jogadores de El Salvador, que afirmaram que a guerra não aconteceu devido ao terceiro jogo<sup>65</sup>. Contudo, é importante perceber que, embora a Guerra possa não ter acontecido exclusivamente devido ao futebol e aos três jogos de qualificação para o Campeonato do Mundo de Futebol de 1970 em particular, a modalidade configurou um aspeto central naquilo que foi a reação social e diplomática em ambos os países. O facto de El Salvador ter rompido os laços diplomáticos no dia do jogo decisivo não foi uma coincidência, como não são inocentes os graffitis que Kapuscinski<sup>66</sup> afirma ter encontrado nas Honduras, onde se lia "Ninguém vence as Honduras" e "Vamos vingar o 3-0".

---

<sup>63</sup> Honduras v El Salvador: The football match that kicked off a war” disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-48673853>

<sup>64</sup> Honduras v El Salvador: The football match that kicked off a war” disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-48673853>

<sup>65</sup> “Soccer. War. Nothing More.” disponível em: <https://www.si.com/soccer/2019/06/03/football-war-honduras-el-salvador>

<sup>66</sup> Escritor e jornalista polaco, autor do livro *The Soccer War*, onde relata toda a experiência que viveu nas Honduras aquando da Guerra entre El Salvador e as Honduras

Estes factos, bem como o desenrolar de toda a situação entre os dois países desde o início dos jogos a contar para a qualificação do Campeonato do Mundo de Futebol de 1970, permitem-nos concluir que o futebol surgiu como um catalisador das tensões entre os dois países da América Central e como um dos elementos principais na eclosão de uma Guerra entre dois Estados.





## Conclusão

O objetivo desta dissertação, formulado na forma de duas questões de partida distintas, era o seguinte: “De que modo é que o futebol se pode manifestar na agregação /ou desagregação de uma sociedade?” e “É possível o futebol assumir um papel preponderante nas relações entre vários países?”. Para respondermos à primeira questão, sustentámo-nos numa primeira instância na análise conceptual daquilo que é o desporto enquanto fenómeno social e cultural, uma vez que só assim seria possível entender a dimensão específica do futebol. De seguida, procurámos entender o impacto que o futebol tem desde a sua origem moderna, na medida em que a atribuição do papel central na agregação ou desagregação de uma sociedade só será possível entendendo a importância enorme que a modalidade em todo o mundo.

Considerámos pertinente analisar o caso da Jugoslávia, focando-nos principalmente em aspetos que nos permitissem validar qualquer uma das hipóteses, o que, consideramos, enriqueceu a pertinência do nosso estudo e corroborou ainda mais a nossa hipótese de partida. De seguida, para sustentar mais essa mesma hipótese, decidimos explorar outro caso onde considerámos que o futebol se manifestou como um mecanismo agregador. Escolhemos o caso da Costa do Marfim e da Guerra Civil do país por considerarmos que as relações sociais e políticas estavam profundamente fraturadas, tendo a modalidade futebolística manifestado, mais uma vez, um poder importante em unir um povo, uma vez que só assim poderia fazê-lo. Através ambas as análises e com ambos os casos de estudo, podemos responder à primeira questão e concluir que é possível o futebol assumir o papel de elemento central na agregação e/ou desagregação de uma sociedade, seja na forma de um mecanismo de criação de identidade nacional e coesão social, ou na forma de adoração de uma figura muito popularizada, nestes casos específicos.

De seguida, o nosso objetivo passou por enveredar por uma área que tem manifestado algum atraso em relação a todas as outras ciências sociais no que diz respeito ao estudo do futebol enquanto fenómeno, as Relações Internacionais. Para responder à segunda questão, tomámos a decisão de abordar um episódio ocorrido durante o período da ditadura salazarista em Portugal, numa primeira fase por ser uma realidade que temos como mais próxima em relação a todas as restantes e por também termos presente a ideia de que há uma aproximação muito forte do regime autoritário português ao futebol, algo que se estuda no âmbito das mais variadas disciplinas sociais, mas onde, mais uma vez, as Relações Internacionais surgem descuradas. Os aproveitamentos de Salazar em relação ao desporto, ao futebol e ao clube Sport

Lisboa e Benfica são uma verdade comumente aceite e quase nada questionada pelos portugueses e há uma vastíssima maioria de autores que corrobora esta ideia, embora outros sugiram que é preciso ter mais cautela antes de partir para essas conclusões. Por conseguinte, e inserindo-nos no primeiro grupo, considerámos que seria importante, por isso mesmo, analisar esses pretendidos aproveitamentos a outra dimensão. Por considerarmos que há várias situações, nomeadamente na forma de propaganda ideológica e de exaltação nacional, em que essas relações serviram os desígnios do regime, inquirimo-nos se essas relações também serviram, em algum momento, para a corroborar a posição que Portugal tinha na cena internacional. O caso que escolhemos vai ao encontro dessa prerrogativa, uma vez que o Spartak de Moscovo era uma equipa pertencente ao bloco soviético e o governo do Estado Novo decidiu boicotar as decisões desportivas de um clube independentemente regulado e estruturado, para não lançar dúvidas sobre a posição que o país adquiriria na cena internacional. Esta ideia, que para nós ficou confirmada nesse episódio em particular, configura um marco importante, uma vez que há diversos estudos sobre as relações entre o futebol e o Estado Novo, mas poucos são os que se focam nesta dimensão específica. Consideramos que a proibição está sustentada em motivos ideológicos, evidentemente, mas sobretudo por se temerem impactos no plano diplomático e da política externa do país.

Tivemos como objetivo estudar também esta dimensão no panorama das seleções nacionais, para além dos clubes. A “Guerra do Futebol” constitui o aspeto mais flagrante do impacto que o futebol pode ter no relacionamento diplomático entre dois países. Como referimos, o futebol não se manifestou na origem das tensões entre as Honduras e El Salvador, mas consideramos inegável o facto de se ter assumido como um catalisador das mesmas, e também o campo de ação onde a Guerra efetivamente começou. Apesar do contexto histórico recente de ambos países da América Central ter sido um fator preponderante, a disputa de três jogos para se garantir um lugar no Campeonato do Mundo de Futebol de 1970 tornou-se um autêntico campo de batalha, onde ambas as seleções, mais do que pela vaga no Mundial, estavam a competir pela sua integridade e orgulho nacional. Verificámos que efetivamente o futebol teve um papel nuclear no despoletar deste conflito armado que durou 100 horas e que se traduziu numa ausência de relações diplomáticas entre os dois países durante 10 anos.

Em função do estudo e análise que foram realizados relativas às várias situações percorridas, considerámos ser verificável a assunção da capacidade do futebol em manifestar-se como um elemento nuclear na relação entre países/Estados. Esta ideia, não sendo pioneira, quiçá possa servir como base ou inspiração para outros estudos muito mais aprofundados sobre

esta temática específica, uma vez que consideramos ser uma área rica para ser explorada. Tecemos ainda a conclusão de que o futebol, em determinados contextos sociais e políticos, pode manifestar-se como o fenómeno mais importante de uma sociedade, ou como um dos fatores mais preponderantes na política de um regime.



## Fontes e bibliografia

### Publicações periódicas

*Diário de Lisboa*, Lisboa: setembro de 1964

*Diário da Manhã*, Lisboa: setembro de 1964

*Diário de Notícias*, Lisboa: setembro de 1964

*O Século*, Lisboa: setembro de 1964

### Blogues e sites

Site do FK Partizan de Belgrado – <http://partizan.rs>

Site do blog pessoal do autor Dario Brentin – <https://twtext.com>

Site do jornal britânico *BBC* – <https://www.bbc.com>

Site da revista americana *Sports Illustrated* – <https://www.si.com>

Site do jornal português *Diário de Notícias* <https://www.dn.pt>

Site do blog português “É Desporto” – <https://edesporto.com>

Site da secção desportiva do jornal brasileiro *Globo* – <https://globoesporte.globo.com>

Site do jornal *i* <https://ionline.sapo.pt>

Site da plataforma de notícias *Medium* – <https://medium.com/>

Site brasileiro do jornal americano *ESPN* – <http://www.espn.com.br>

Site de uma secção desportiva da plataforma de notícias online *Metrópoles* – <https://trivela.com.br>

### Bibliografia

ÁGOAS, Frederico & GOMES, Pedro David, 2011, “Contributos para uma genealogia do estádio de futebol em Portugal: Arquitectura, Estado e Cultura de Massas”. In DOMINGOS, Nuno & NEVES, José, *Uma História do Desporto em Portugal*, Vol. 1, Vila do Conde : QuidNovi

BENTO, Helena, 2015, “Formação Humana – O Contributo do Desporto”. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*. 2015. Vol. 1, Nº. 4, pp. 16

BOURDIEU, Pierre, 1998, “Program for a sociology of sport”, *Sociology of Sport Journal*, Vol.5, Nº. 4, pp. 153-161

- BRENTIN, Dario & ZEC, Dejan, 2017, "From the Concept of the Communist 'New Man' to Nationalist Hooliganism: Research Perspectives on Sport in Socialist Yugoslavia" *The International Journal of the History of Sport*, Vol.34, Nº. 9, pp.713-728
- BRENTIN, Dario, 2013, "'A lofty battle for the nation': the social roles of sport in Tudjman's Croatia", *Sport in Society*, Vol.16, Nº. 8, pp. 993-1008
- CARDÃO, Marcos, 2018, "A Star is Born: Eusébio, Football, and Ideology in the Late Portuguese Empire", *The International Journal of the History of Sport*, Vol. 35, Nº. 4, pp.374-388
- COELHO, JOÃO NUNO, 2001, *Portugal, a equipa de todos nós: Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto : Edições Afrontamento.
- COELHO, João Nuno & TIESLER, Nina Clara, 2006, "O paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios", *Análise Social*, Volume XLI, Nº. 179, pp. 519-551
- COELHO, João Nuno, 2004, "«Ondulando a bandeira»: futebol e identidade nacional." *Relações Internacionais*, Nº. 2, Instituto Português de Relações Internacionais
- COSTA, António da Silva, 1992, "Desporto e análise social." *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. 2, pp.101-110
- DOMINGOS, Nuno, 2004, "O futebol e o trabalho". In : *A Época do Futebol: O Jogo Visto pelas Ciências Sociais*. Lisboa : Assírio & Alvim
- DOMINGOS, Nuno, 2011, "O desporto e o império português". In : *Uma História do Desporto em Portugal – Nação, Império e Globalização*, Vol. 2, Lisboa : QuidNovi
- DRUMOND, Maurício, 2017, "Ao bem do desporto e da Nação: relações entre exporte e política no Estado Novo português (1933-1945)", *Revista Estudos Políticos*, Vol.4, Nº. 7, pp.298-318
- DUMAZEDIER, Joffre, 1980, *Olhares novos sobre o desporto*, Lisboa: Compendium
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric, 1992, *A Busca Pela Excitação*. Lisboa : Memória e Sociedade.
- GAILLARD, William, 2013, "Football, Politics and Europe", *The Hague Journal of Diplomacy*, Vol. 8, Nºs 3-4, pp.333-340
- HOBSBAWM, Eric, 1990, *Nations and Nationalism since 1780 – Programme, Myth, Reality*, Lisboa : TERRAMAR
- HOBSBAWM, Eric, 1994, *A Era dos Extremos História Breve do Século XX: 1914-1991*, São Paulo : Companhia das Letras
- KAJTEZOVIĆ, Adnan, 2015, "The disintegration of Yugoslavia and football", University of Northern Iowa, Electronic Theses and Dissertations
- KÜNZLER, Daniel & POLI, Raffaele, 2012, "The African footballer as visual object and figure of success: Didier Drogba and social meaning", *Soccer & Society*, Vol. 13, Nº. 2, pp.207-221
- LOURENÇO, José, 2014, "Instituições desportivas, um campo de atuação do serviço social", Dissertação de mestrado em Serviço Social, Lisboa, Departamento de Sociologia, ISCTE-IUL
- LOURENÇO, Luís, 2015, "O Estado Novo e o mundial de futebol de 1966", Dissertação de mestrado em História Moderna e Contemporânea, Lisboa, Departamento de Histórica, ISCTE-IUL

- MALHO, João, 2018, “O Papel do Desporto Para a Inclusão Social de Jovens em Risco”, Dissertação de mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, Coimbra, Faculdade de Economia & Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra
- MARIVOET, Salomé, 1992, “Violência nos espetáculos de futebol”. *Sociologia Problemas e Práticas*, , Nº. 12, pp.137-153
- MARIVOET, Salomé, 1997, “Dinâmicas sociais nos envolvimento desportivos”. *Sociologia Problemas e Práticas*, Nº. 23, pp.101-113
- MARIVOET, Salomé, 2002, *Aspetos sociológicos do desporto*. Lisboa : Livros Horizonte.
- MILLS, Richard, 2009, “‘It All Ended in an Unsporting Way’: Serbian Football and the Disintegration of Yugoslavia, 1989–2006”, *The International Journal of the History of Sport*, Vol. 26, Nº. 9, pp. 1187-1217
- MILLS, Richard, 2010, “Velež Mostar Football Club and the Demise of ‘Brotherhood and Unity’ in Yugoslavia, 1922–2009”, *Europe-Asia Studies*, Vol. 62, Nº. 7, pp.1107-1133
- MISSIROLI, Antonio, 2002, “European Football Cultures and their Integration: The “Short” Twentieth Century”, *Culture, Sport, Society*, Vol.5, pp.1-20
- NJOROAI, Wycliffe, 2014, “Iconic figures in African football: from Roger Milla to Didier Drogba”, *Soccer & Society*, Vol. 15, Nº. 5, pp.761-779
- PEREIRA, Pedro, 2010, “PÚBLICOS E IDENTIDADES CULTURAIS NO FUTEBOL: o Sporting Clube de Espinho”, Dissertação de mestrado em Sociologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Universidade do Porto
- PINHEIRO, Francisco, 2012, “Futebol e política na ditadura: factos e mitos” in DOMINGOS, Nuno & TIESLER, Nina Clara, *Futebol português: Política, género e movimento*, Porto : Edições Afrontamento
- ROCCO, Lorenzo & BALLO, Zié, 2008, “Provoking a Civil War”, *Public Choice*, pp.347-366
- S.A, 1969, “The El Salvador-Honduras War”, *Strategic Survey*, Vol. 70, Nº. 1, pp.55-61
- SERRADO, Ricardo. 2008, “O futebol como veículo de propaganda do Estado Novo (?)”, Dissertação de Mestrado em História, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa
- SERRADO, Ricardo, 2009, *O Jogo de Salazar: A política e o futebol no Estado Novo*, Alfragide : Casa das Letras
- SERRADO, Ricardo, 2010, *História do Futebol Português: Das origens ao 25 de Abril – Uma análise social e cultural*, Vol. 1, Prime Books
- SERRADO, Ricardo & SERRA, Pedro, 2014, *História do Futebol Português: Uma Análise Social e Cultural – Volume 1: Origens, institucionalização e profissionalização*, Prime Books
- SERRADO, Ricardo, 2011, *Futebol: A Magia para além do jogo*. Lisboa : Zebra Publicações
- SÍLVIA, Juventeny, 2019, “ Much ‘more than a club’: Football Club Barcelona’s contribution to the rise of a national consciousness in Catalonia (2003–2014)”, *Soccer & Society*, Vol. 20, Nº. 1, pp.103-122

- SOBRAL, Luís, 1996, “Desporto” in BRANDÃO, José Maria & ROSAS, Fernando, ROLO, Maria Fernanda, *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol. 1, Venda Nova : Bertrand
- SOUSA, Ana Margarida, 2012 “As organizações desportivas: uma investigação social e cultural aplicada às casas do Sport Lisboa e Benfica” Tese de Doutoramento em Educação, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- TIESLER, Nina Clara & COELHO, João Nuno, 2006, “O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica”, *Análise Social*, Nº. 179 , pp. 313-343
- WOOD, Shay, 2013, “Football after Yugoslavia: conflict, reconciliation and the regional football league debate”, *Sport in Society*, Vol. 16, Nº. 8, pp.1077-1090
- ZEC, Dejan & PAUNOVIĆ, Miloš, 2015, “Football’s positive influence on integration in diverse societies: the case study of Yugoslavia”, *Soccer & Society*, Vol. 16, Nºs 2-3, pp.232-244